

Mestrado em Ciências da Comunicação

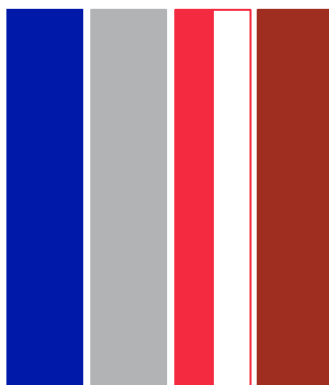
Vertente Estudos de Media e Jornalismo

A Digitalização da Rádio- Rádio Metropolitana Porto

Mariana Isabel Araújo Oliveira

M

2023



Mariana Isabel Araújo Oliveira

A Digitalização da Rádio- Rádio Metropolitana Porto

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo
Professor Doutor Paulo Frias da Costa.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

Índice

Declaração de Honra	3
Agradecimentos	4
Resumo.....	5
Abstract	6
Introdução	10
I. A evolução da Rádio	14
1.1. Nascimento da Rádio	14
1.2. Caso Português.....	15
1.3. Revolução 25 de Abril.....	18
II. Rádios Piratas em Portugal.....	22
2.1. Algumas particularidades das rádios locais.....	24
III. Legalização da Rádio	26
IV. A Digitalização da Rádio	30
4.1. Convergência da Rádio	30
4.2. O papel do som no jornalismo radiofónico online	36
V. Rádio Metropolitana Porto.....	39
5.1. Plataformas mais utilizadas	41
5.1.1. Site.....	42
5.1.2. Podcast	43
5.1.3. Facebook	44
VI. Experiência no Estágio	45
6.1. Alguns exemplos no terreno	50
VII. Questão de Investigação e Hipóteses	53
VIII. Análise e Discussão de Resultados.....	54
8.1. Análise Diária.....	54
8.2. Análise do Conteúdo	56
8.3. Análise a um dia específico	57
Conclusão	61
Referências Bibliográficas.....	62
Anexos	65
Apêndices	68

Declaração de Honra

Declaro que o presente relatório de estágio é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 2023

Mariana Oliveira

Agradecimentos

Um dos agradecimentos mais importantes, vai, inevitavelmente, para o Diretor Geral da Rádio Metropolitana Porto, Ângelo Monteiro, o meu supervisor do estágio, que desde o início me deixou à vontade e sempre que havia algum problema estava lá para me ajudar. Além disto, agradeço também ao Diretor de Programação, Eduardo Coelho e ao Diretor Executivo, Manuel Monteiro, que me acompanharam e desafiaram em muitas das minhas reportagens.

Agradeço aos meus pais e irmã, que fazem tudo por mim e são o meu maior apoio.

Aos meus amigos, que tiveram a compreensão da minha ausência nos últimos tempos para a realização do relatório e me incentivaram a dar o meu melhor.

À minha amiga da faculdade e companheira para a vida, Raquel Valente, que esteve sempre pronta a ajudar-me, academicamente e não só.

Por fim, ao meu orientador da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Professor Doutor Paulo Frias da Costa, por me ter explicado e orientado da melhor forma para a execução do relatório.

Resumo

A rádio, enquanto meio de comunicação, influenciado pelas inovações tecnológicas, tem vindo a reinventar-se. Além do som, atualmente a sua comunicação é também visual e textual. O presente relatório detém uma contextualização do percurso da rádio até à digitalização. São também abordadas as experiências no estágio realizado na Rádio Metropolitana Porto (RMP), no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente Estudos de Media e Jornalismo, e a história desta rádio online. O principal objetivo é perceber se a comunicação exclusivamente sonora continua a ser uma prioridade da rádio, nomeadamente da Rádio Metropolitana Porto, em especial na área da informação. Partindo da questão de investigação “Será que as rádios online vêm alterar o conceito de rádio?”, baseando a análise no mês de novembro de 2022 da Rádio Metropolitana Porto, foram analisadas três plataformas, Facebook, site e podcast. Para obter uma conclusão foi realizada uma pesquisa quantitativa e qualitativa. Concluiu-se, através da contabilização e verificação de conteúdo das publicações, que a RMP utiliza com maior frequência a rede social Facebook, relativamente à quantidade de publicações geral e diária. Contudo, grande parte destas não representam informação. Ao passo que, no site, o conteúdo é 100% noticioso, existe maior consistência a nível do número de publicações diárias e variadas editoriais.

Palavras-chave: rádio; som; online; prioridade; informação.

Abstract

Radio, as a means of communication, influenced by technological innovations, has been reinventing itself. Besides sound, currently the communication is also visual and textual. This report includes a contextualization of the radio's path to digitization. The experiences in the internship carried out at Rádio Metropolitana Porto (RMP), within the scope of the Master in Communication Sciences, in the field of Media and Journalism Studies and the history of this online radio are also addressed. The main objective is to understand whether exclusively sound communication continues to be a radio priority, namely Rádio Metropolitana Porto, especially in the area of information. Starting from the research question “Do online radios will change the concept of radio?”, basing the analysis on the month of November 2022 of Rádio Metropolitana Porto, three platforms were analyzed, Facebook, website and podcast. To obtain a conclusion, a quantitative and qualitative research was carried out. It was concluded, through the accounting and verification of the content of the publications, that RMP uses the social network Facebook more frequently, in terms of the number of general and daily publications. However, most of these do not represent information. While, on the site, the content is 100% news, there is greater consistency in terms of the number of daily publications and various editorials.

Key-words: radio; sound; online; priority; information.

Índice de Figuras

FIGURA 1- GRELHA DE PROGRAMAÇÃO DA RMP DURANTE O PERÍODO DO ESTÁGIO	65
FIGURA 2- PÁGINA INICIAL DO SITE DA RÁDIO METROPOLITANA PORTO	65
FIGURA 3- EVENTO "HÁ FADO NA FREGUESIA"	66
FIGURA 4- REINAUGURAÇÃO DO MERCADO DO BOLHÃO	66

Índice de Tabelas

TABELA 1- QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES DIÁRIAS EM CADA PLATAFORMA DA RMP	67
TABELA 2- QUANTIDADE E CLASSIFICAÇÃO DE PUBLICAÇÕES NOS DIVERSOS MEIOS UTILIZADOS PELA RÁDIO METROPOLITANA PORTO NO MÊS DE NOVEMBRO DE 2022	67

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1- CLASSIFICAÇÃO DE PUBLICAÇÕES NO DIA 16 DE NOVEMBRO NO FACEBOOK	58
GRÁFICO 2- DISTRIBUIÇÃO DE EDITORIAS NO DIA 16 DE NOVEMBRO NO SITE	59

Introdução

Na ótica de Meditsch (cit. in. Reis, 2009, p. 9), a rádio é considerada o “primeiro veículo eletrónico”, assumindo assim, desde o início um papel de grande importância na sociedade e na evolução tecnológica.

O exemplo de maior relevância que este meio tem para Portugal é precisamente a Revolução de 25 de Abril de 1974, onde funcionou como uma senha para iniciar a mesma. Contudo, desde as primeiras emissões ocorreram várias mudanças. O objetivo deste relatório é perceber de que forma a radiodifusão se continua a modificar e se isso pode ou não estar a alterar o conceito primário de rádio.

A rádio prevalece ainda como o meio de comunicação mais distinto, que permite a realização de várias atividades, visto que só requer a escuta. João Paulo Menezes (cit.in. Portela, 2011, p. 27) alega que o que distingue a rádio de outros meios é “a acumulação, que passa pela possibilidade de realizar outras atividades em simultâneo com a sua escuta, como sejam, ler o jornal, conduzir, cozinhar, trabalhar ou qualquer outra tarefa quotidiana”.

Por outras palavras, não precisa da atenção total do ouvinte, o que possibilitava e continua a possibilitar, que o utilizador esteja sempre conectado à rádio, sem precisar de deixar de parte as tarefas diárias. No que diz respeito à rádio digital, esta constante conexão tem uma condicionante, visto que exige uma ligação ao Wi-Fi ou dados móveis. Porém, tendo essa possibilidade, o procedimento é o mesmo, podendo ouvir no carro, em casa, na praia, no ginásio, entre outros. Além disso, cada vez existem mais espaços públicos ligados a uma rede Wi-Fi, de acesso gratuito e cada vez existem mais tarifários com maiores pacotes de internet. O facto de estar sempre ‘ligado’ gere no ouvinte “uma grande capacidade de intervenção, na medida em que uma informação ou notícia transmitida é rapidamente assimilada pela audiência e por si repetida” (Portela, 2011, p. 27).

Ferraretto (2014, p. 13) alega que a rádio é “um meio dinâmico”, que “Está presente lá, onde a notícia acontece, transmitindo-a em tempo real para o ouvinte”, mas também pode servir simplesmente para ouvir “uma canção para espairar”. Isto significa que a rádio é necessária para nos mantermos informados, mas também

essencial para o entretenimento. À luz de Kaplún, Meditsch e Betti (2021), “a rádio tem três funções a cumprir – informar, educar e entreter (...) portanto, os seus programas devem classificar-se em três categorias: informativos, educativo-culturais e de entretenimento”.

Brecht, declarava, em 2007, que a rádio deveria “deixar de ser um aparato de distribuição para se transformar num aparato de comunicação”, acrescentando que “seria o mais admirável aparato de comunicação que se poderia conceber na vida pública, um enorme sistema de canais; quer dizer, seria, caso ela se propusesse não somente a emitir, mas também a receber; ou, não apenas deixar o ouvinte escutar, mas fazê-lo falar; e não isolá-lo, mas colocá-lo numa relação” (pps. 228 e 229). Brecht lutava contra a ideia duma audiência passiva, sem opinião. Este cenário foi desaparecendo, existindo cada vez mais um público participativo, também por causa da presença da rádio na internet, onde essa interação é mais frequente e mais propícia de acontecer.

“Durante mais de cem anos, rádio foi apenas som”, de acordo com Reis (2009, p.1). Todavia, este conceito parece estar a sofrer algumas alterações, “a nova rádio, a que se vê, lê e escuta na internet, funde características dos dois meios e está a gerar uma nova linguagem”, segundo Prata (cit. in. Reis, 2009, pp. 2 e 3).

Reis (2009, p. 3) alega que “Da rádio tradicional auditiva, linear, sequencial, instantânea e imediata passamos para uma rádio multimédia, multilinear, multisequencial e com conteúdos permanentes”. A autora enumera um conjunto de fatores que fazem da rádio aquilo que é ‘hoje’. Acredita que esta foi influenciada pela “evolução técnica, social, política, económica e cultural da sociedade em que se insere” (p. 9).

No livro “Rádio em Portugal e no Brasil: Trajetória e Cenários”, Reis (2015, p. 176) sublinha que “Os cibermeios têm a palavra, o som e a imagem, embora, nesta fase ainda dominada pela transposição, cada jornal, rádio ou televisão tenda, ainda, a privilegiar nos seus sites o recurso que os caracteriza”. Um dos grandes propósitos deste relatório é perceber, estudando o caso da Rádio Metropolitana Porto, na área da informação em específico, se esta consideração de Reis no ano de 2015 continua a fazer sentido e se o

som ainda é a grande prioridade da Rádio, tendo em consideração que faz parte da sua génese.

No âmbito do 2º ano do Mestrado em Ciências da Comunicação, na vertente Estudos de Media e Jornalismo, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi realizado um estágio na Associação Desportiva e Recreativa do Recife- Departamento Rádio Metropolitana Porto, de modo a desenvolver as capacidades teóricas adquiridas ao longo do Mestrado. O estágio teve a duração de cerca de 4 meses, desde o dia 5 de setembro até ao dia 23 de dezembro de 2022, somando um total de 520 horas.

Partindo da questão de investigação “Será que as rádios online vêm alterar o conceito de rádio?”, foi elaborada uma análise, através da experiência em concreto na Rádio Metropolitana Porto, onde foi realizado o estágio. Foi utilizada uma metodologia mista, isto é, quantitativa e qualitativa, contabilizando e descrevendo as publicações destinadas ao site, Facebook e podcast, para estabelecer uma comparação e perceber qual dos métodos é mais utilizado. Atribuindo o elemento imagem ao Facebook, som ao podcast e texto ao site. Tendo em vista que, outrora a rádio se baseava apenas no som e atualmente, através da rádio online, como é o caso da RMP, ampliou-se a outros elementos, como a imagem, realizando diretos de reportagens para o Facebook e o texto, como as notícias redigidas para o site oficial. Desta forma, será possível perceber se o som (por si só), característico da rádio tradicional, continua ou não a ser priorizado. O estudo é baseado, concretamente, na vertente da informação.

O relatório de estágio está dividido em 8 capítulos. A Introdução serve para explicar o objetivo do Relatório, introduzindo o tema e a problemática. O primeiro capítulo, a Evolução da Rádio, inclui o nascimento da rádio, desde a telegrafia sem fios, passando pelas rádios piratas, as rádios locais e a Revolução 25 de Abril. Depois, o segundo capítulo, a Legalização da Rádio, indica as manifestações, os grupos formados, os concursos e a atribuição de frequências. De seguida, o terceiro capítulo, a Digitalização da Rádio, fala sobre a convergência do meio e alguns benefícios da internet, e ainda sobre o papel do som no jornalismo radiofónico online. Além disso, o quinto capítulo, é dedicado à Rádio Metropolitana Porto, descreve como esta surgiu e o seu desenvolvimento. Seguidamente, no sexto capítulo, a Experiência no Estágio, tem alguns exemplos de reportagens realizadas, objetivos e dificuldades. No sétimo capítulo

contém a Questão de Investigação e Hipóteses. No oitavo, a Análise e Discussão de Resultados, onde se percebe que hipóteses são aprovadas e refutadas. Por fim, a conclusão, inclui um pequeno resumo do que foi descoberto ao longo da execução do relatório e as considerações finais obtidas.

I. A evolução da Rádio

1.1. Nascimento da Rádio

De acordo com Machuco Rosa (2008, p. 71), a história da rádio começou “no telégrafo e no telefone”. O autor acrescenta que “Estas tecnologias encontraram-se associadas às redes de comunicação que se desenvolveram em meados do século XIX, em particular às redes ferroviárias, tipo de infraestruturas que a generalidade dos Estados procuraram ativamente promover”. Contrariamente aos dias de hoje, o propósito não era o entretenimento ou a informação.

O objetivo das redes telegráficas nas décadas de 30 e 40 era do foro profissional, “seguindo o trajeto das linhas de caminho-de-ferro, transmitindo informações destinadas a resolver o problema da segurança ferroviária” (Rosa, 2008, p. 71). Isto é, o único propósito era promover a segurança neste meio de transporte, estando assim “ao serviço de outros fins que não apenas a comunicação direta entre os homens”. Após isto, passaram a ser “utilizadas como instrumento de troca de informações acerca dos preços dos títulos nas bolsas de valores” (idem).

Para Rosa (2008, p. 76) “as origens da rádio residiram na existência de um problema ocasionado pelo obstáculo do espaço e cuja resolução exigia um sistema de troca de informações permitindo que certas ações humanas com impacto objetivo no mundo se desenrolassem coordenadamente”.

Guglielmo Marconi criou, em 1896, a telegrafia sem fios, substituindo, deste modo, o telégrafo tradicional. Esta criação veio resolver o problema da “ausência de um sistema de comunicação de longa distância entre navios, necessidade objetiva evidentemente necessária para coordenar frotas comerciais e marinhas de guerra, para evitar abalroamentos ou para enviar sinais de socorro em caso de naufrágio” (Rosa, 2008, pp. 76 e 77).

Cinco anos depois, em 1901, “data em que foi transmitido o primeiro sinal transatlântico (entre o Canadá e Inglaterra), foi feito o primeiro contacto via rádio, utilizando Código Morse, entre o Forte da Raposeira, na Trafaria, e o Forte do Alto da Ajuda e, ainda durante esse ano, entre navios portugueses e britânicos. Seguiu-se a

primeira mensagem com origem nos Estados Unidos e destino no Reino Unido, em 1903, numa demonstração da rápida evolução que a tecnologia de transmissão de dados sem fios conheceu no início do século XX” (Portela, 2011, p. 31).

1.2. Caso Português

Em Portugal, o nascimento da rádio ocorreu através dos senfilistas, que estavam “a par dos progressos internacionais na telegrafia sem fios” e construíam “os próprios equipamentos que iam aperfeiçoando” (Reis, 2014, p. 9). O termo “senfilistas” vinha “do acrónimo TSF – telegrafia sem fios” (Santos, 2005, p. 138).

As primeiras emissoras, mais profissionais, a transmitir mais regularmente deram-se em 1920 (Reis, 2014, p. 9). Maia (cit. in. Reis, 2014, p. 9) expressa que “Durante duas décadas as rádios preencheram as frequências livres enquanto os serviços dos Correios e Telégrafos selaram alguns postos emissores”.

Até 1923, os locutores responsáveis eram “comerciantes, funcionários públicos e militares de patentes médias, já familiarizados com a telegrafia e a radiofonia”. Estes “aplicavam um leitor de discos (gramofone) junto ao microfone, irradiando pequenos programas” (Santos, 2015, p. 21). No ano seguinte, “alguns amadores iniciaram a transmissão de programas de concertos musicais e de pequenas bandas para um público distante geograficamente da sala de concerto” (idem).

Após todas estas experiências de curta duração realizadas por amadores, começaram, no ano seguinte, em 1925, as emissões regulares. Santos (cit. in. Santos, 2005, p. 138) exprime que “Um dos pioneiros foi Abílio Nunes dos Santos Júnior, filho e sobrinho dos proprietários dos Grandes Armazéns do Chiado, em Lisboa, que instalou o emissor CT1AA, primeiro em ondas médias e depois em ondas curtas”. Na altura, eram apenas transmitidas “peças tocadas ao vivo, dentro de um reportório de música clássica, pois a gravação de discos dava os primeiros passos” (Santos, 2005, p. 138). O nome da estação foi dado pelos Correios, “entidade oficial com permissão para autorizar frequências de emissão” (Santos, 2015, p. 21).

Estas emissões eram realizadas à noite, com duração de duas a três horas diárias. O “idealismo de promoção cultural e educacional” era o que movia estas estações. “No

Verão, as rádios fechavam para férias, com os seus proprietários a irem repousar para as termas” (Santos, 2015, p. 22).

Contudo, Santos (cit. in. Reis, 2014, p. 9) conta que “Subsistiram também as denominadas ‘rádios minhocas’: amadoras, de dimensões estruturais e financeiras reduzidas”. No começo da década de 30, a maioria foi desaparecendo.

Em 1930 foi criado pelo governo “debaixo da tutela dos Correios e Telecomunicações (CTT) a Direção dos Serviços Radioelétricos e estatuiu em lei «o monopólio do Estado de todos os serviços de radiotelefonia, radiodifusão, radiotelevisão e outros que venham a ser descobertos e se relacionem com a radioeletricidade»” (Rosa, 2008, p. 92).

À semelhança do que acontece atualmente com as rádios online, “as estações pertenciam a profissionais de outras atividades” (Santos, 2005, p. 138). A rádio era vista enquanto “hobby” (Reis, 2014, p. 9) e parece continuar a ser para quem trabalha no meio digital. Por exemplo, na Rádio Metropolitana Porto, onde percebi, no período do estágio, que a maioria dos colaboradores tinha um emprego a tempo inteiro noutra área, inclusive, na altura, o Diretor Geral.

Também na década de 30 ocorreu a “profissionalização do setor marcado pelo surgimento das três grandes emissoras: o Rádio Clube Português (RCP), a Emissora Nacional (EN) e a Rádio Renascença (RR)” (Reis, 2014, p. 9).

A Emissora Nacional foi criada pelo Estado Novo, em 1933. Em 1934 começaram as emissões controladas por António Joyce, “intelectual com preocupações musicais, que dotou a estação com algumas orquestras” (Santos, 2015, p. 23). Em 1935 principiaram as transmissões regulares, com Henrique Galvão, “instrumentalizando a Emissora como entidade de propaganda ao serviço do regime político” (idem).

Santos (2015, p. 24), anuncia que o “Rádio Clube Português seria a mais importante estação comercial”, pela importância que teve para a história de Portugal e o fim da ditadura, como será possível verificar mais à frente. Jorge Botelho Moniz, “militar e dirigente da direita política” foi um dos fundadores, que “conseguiu alargar a influência da sua estação graças ao peso político e à publicidade nos programas que manteve nos

difíceis anos da II Guerra Mundial” e ainda ao facto de ter apoiado publicamente o vencedor da Guerra Civil de Espanha (idem).

Por fim, a Rádio Renascença, que era e continua a ser “ligada à Igreja Católica”. Estava no ativo desde 1937, mas só começou a crescer na década de 1960. Todavia, “manteve o apoio da publicidade durante os anos da guerra, o que equilibrou as suas contas financeiras” (Santos, 2015, p. 24).

Os conhecidos “anos de ouro da rádio” ocorreram entre 1930 e 1950 e “traduziram-se num fenómeno de radiodifusão que procurava reconstruir a realidade dentro do estúdio, com dramatizações e espetáculos produzidos na própria estação emissora” (Cordeiro, 2004, p. 2). Porém, a censura estava presente em todos eles “Os programas humorísticos estavam sob vigilância da censura, obrigando a manobras linguísticas para que os textos passassem” (idem).

Todavia, existem autores que consideram que esse período tenha começado cinco anos antes, como Santos (cit. in. Portela, 2011, p. 31), “O período dourado da rádio, enquanto meio de massas, começou a ser escrito em 1925 com a introdução do altifalante e duraria até à dominação do espaço mediático por parte da televisão”.

Anos mais tarde, em 1970 a rádio “estava ainda muito presente no quotidiano da população que se identificava com a sua programação que, apesar da censura, passava mensagens codificadas, mais ou menos claras, de oposição à ditadura” (Reis e Lima, 2014, p. 6). Assim como aconteceu com as músicas revolucionárias, muitas delas chegaram a ser transmitidas sem ninguém se aperceber da mensagem implícita.

Tendo em conta todo o percurso da rádio até 2007, Santos (2007, p. 220) destaca cinco momentos de relevância para a história deste meio de comunicação em Portugal. O primeiro, marcado pelo começo das emissões regulares com a CT1AA. Nesta altura “Os proprietários das estações pioneiras desempenhavam múltiplos papéis: instalar emissores e antenas, prestar apoio técnico, programar e animar esses programas”, onde passavam músicas clássicas.

O segundo período é caracterizado pela profissionalização do setor, “Em 1931, o Rádio Clube Português (RCP), de Jorge Botelho Moniz, aparecia com programação voltada para a música popular”. Destaca ainda a criação da Emissora Nacional, em 1935

e a Rádio Renascença em 1937. A par destas, “pequenas estações em Lisboa (Emissores Associados de Lisboa) e Porto (Emissores do Norte Reunidos)” (idem).

Nos anos 60 dá-se o terceiro momento, com as inovações tecnológicas, através da “introdução da modulação de frequência (FM), de maior qualidade na receção, a substituir lentamente as emissões em ondas médias (OM)”, de acordo com Maia (cit. in. Santos, 2007, p. 220).

Depois do movimento das rádios piratas no final dos anos 70 em frequência modulada, deu-se o “resultado da abertura política após a queda do Estado Novo em 1974 e da facilidade de instalação de estações, no que constitui o quarto período mais significativo na história da rádio portuguesa”. Com a legalização, normalizaram-se “as frequências, salientando-se emissoras como a TSF, que emitiu experimentalmente em 1984 e a sério em 1988”. Por essa altura ocorreu a primeira cobertura jornalística e nasceram conceitos como rádio temática e rádio local (Santos, 2007, p. 220).

Por fim, “Como resultado da expansão da internet e do uso da rádio através desse meio, a partir de finais da década de 1990, principiava o quinto período da história da rádio em Portugal” (idem).

1.3. Revolução 25 de Abril

Bruck (2015, p. 42) defende que o movimento de derrubar o regime salazarista “está umbilicalmente ligado à rádio”.

Moreira (2021, p. 17) declara que “Desde a aprovação da Constituição de 1933 até à Revolução do 25 de abril de 1974, a censura e o Estado Novo foram os principais responsáveis pela manipulação e falta de desenvolvimento da rádio”. No período do Estado Novo eram recorrentes as propagandas na rádio como meio de manipulação da opinião pública e, a par disso, no período marcelista a censura foi ainda mais evidente. Tudo o que fosse contra esta ideologia não podia passar na rádio, era censurado. Isto gerou um atraso no desenvolvimento da radiodifusão, principalmente no conceito de rádio ‘livre’, onde diferentes opiniões ou ideologias são válidas.

Curiosamente, no dia 25 de Abril de 1974, a rádio foi também o meio escolhido e utilizado contra o Estado Novo, selecionado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA)

como elo de comunicação. “Depois de décadas de censura e exame prévio, a rádio renova-se e participa nas profundas transformações em curso” (Rezola, 2013, p. 3099).

A Revolução dos Cravos veio salientar a importância deste meio de comunicação. No entanto, a rádio já tinha um papel considerável nos anos 70, com um elevado número de audiências, devido à grande percentagem de analfabetismo no país, de 26%, segundo Reis e Lima (2014, p. 3) e também pelo facto de que a televisão na altura, ainda não tinha “conquistado em pleno os lares portugueses” (p. 2). Ao passo que, “na época da revolução havia mais um milhão de aparelhos de rádio do que televisores e a taxa de penetração da rádio rondava os 88%”, de acordo com Cristo e Ferreira (cit. in. Reis e Lima, 2014, p. 3).

Este movimento teve o auxílio de “jornalistas, técnicos e locutores das emissoras para transmitirem as senhas que deram início ao movimento militar que derrubou a ditadura do Estado Novo, e depois para falarem à população e anunciarem a rendição do governo de Marcelo Caetano” (Reis e Lima, 2014, p. 1).

O plano do 25 de Abril, elaborado por Otelo Saraiva de Carvalho, “apenas excluía a Emissora Nacional” (Reis e Lima, 2014, p. 7), dado que era a principal emissora do Estado. A escolha dos Emissores Associados de Lisboa (EAL) e da Rádio Renascença (RR) provinham do facto de saberem que, tanto os EAL, com João Paulo Diniz da Rádio Alfabeta no programa noturno, como a RR, nomeadamente no programa Limite, se opunham contra o regime.

Os EAL emitiam para Lisboa e a RR para o resto do país. Isso também foi outro ponto tido em conta, “conscientes da sua importância estratégica, os golpistas colocam os media entre os pontos vitais a tomar logo no início das operações” (Rezola, 2013, p. 3100).

A música vencedora do Festival da Canção da RTP desse ano e que representou Portugal na Eurovisão, “E Depois do Adeus”, de Paulo de Carvalho, foi um sinal para avançar com o movimento militar. De acordo com o cantor, numa entrevista realizada no estágio na Rádio Metropolitana Porto, mencionada nas referências bibliográficas, a música ‘E Depois do Adeus’ “foi escolhida por um homem da rádio, João Paulo Diniz, a pedido de Otelo Saraiva de Carvalho”.

Adiantou ainda que “quem o Otelo queria e fazia todo o sentido, era o ‘Venham Mais Cinco’ do Zeca Afonso, só que o João Paulo Diniz disse «podem perceber e não convém, ainda vai tudo preso»”. Devido a esta indecisão e como modo de precaução, foi sugerida a música vencedora do Festival da Canção de 1974. Paulo de Carvalho sublinhou ainda: “foi em 74, se por acaso tivesse sido em 73, não era o ‘E Depois do Adeus’, era ‘A Tourada’, do Fernando Tordo. Eu não sabia de nada logicamente, foi um acaso, que me agrada muito, mas se estou na história foi absolutamente por acaso”.

Além da música ‘E Depois do Adeus’ transmitida às 22h55, nos Emissores Associados de Lisboa, que funcionou como um código de avanço para os militares, foi sugerida, por Carlos Albino, a música “Grândola Vila Morena”, de Zeca Afonso, uma das mais características da Revolução dos Cravos. Tocou na Rádio Renascença e emitiu a segunda senha, que serviu como “senha de confirmação” (Reis e Lima, 2014, p. 2). A hora a ser transmitida seria à 00h20, “quando o bloco foi difundido e escutado em todos os quartéis do país” (Ribeiro, 2000, p. 271). Essa segunda senha, preparada por Carlos Albino e Manuel Tomás, do programa “Limite”, incluía “a leitura da primeira quadra de ‘Grândola, Vila Morena’, a transmissão da canção na íntegra, novamente a leitura da primeira quadra, poema “Geografia”, poema “Revolução Solar” e a canção “Coro da Primavera” (Ribeiro, 2000, pp. 270 e 271).

“O significado da senha era totalmente desconhecido pelos responsáveis da Emissora Católica” (Ribeiro, 2000, p. 270). Apenas alguns elementos do programa “Limite” estavam conscientes do que iria decorrer.

A terceira senha foi exibida no final da madrugada do dia 25 de Abril, no Rádio Clube Português (RCP). Às 4h26 ocorreu o primeiro comunicado do Movimento das Forças Armadas que “foi lido pelo jornalista de serviço, Joaquim Furtado”. Nesse tempo ouviam-se “marchas militares intercaladas com comunicados para informar e apelar à população para permanecer em casa” (Reis e Lima, 2014, p. 8).

O Rádio Clube Português funcionou como Posto de Comando da Revolução, dado que estava geograficamente bem localizada. Encontrava-se “perto de edifícios públicos ou militares que iriam também ser ocupados” (Reis e Lima, 2014, p. 2). Outra das razões em benefício desta Rádio prende-se ao facto “de os militares conhecerem a rádio ‘por

dentro” (p. 7). Contudo, o fator mais significativo para esta escolha foi o facto de a “RCP ser a única emissora a ter um radiotelefone de ligação direta e um gerador”, o que significa que se “fossem cortadas as comunicações e a energia havia autonomia e podia continuar-se a emissão” (idem).

Os repórteres de rádio foram os responsáveis por noticiar as “conversações entre militares, as manifestações populares, a libertação dos presos políticos, a prisão dos agentes da polícia secreta PIDE ou da rendição do governo de Marcelo Caetano” (Reis e Lima, 2014, p. 2). Através da rádio, a “população soube da Revolução em curso e foi sendo informada do que se estava a passar”, segundo Isabel Reis e Helena Lima (2014, p. 2).

“Os comunicados do MFA foram sendo transmitidos aos microfones do RCP que durante o dia permaneceu ocupado e foi palco das primeiras conferências de imprensa improvisadas pelos capitães para a media nacional e para os correspondentes estrangeiros em Portugal” (Reis e Lima, 2014, p. 9). Também neste local foi anunciada “a rendição do governo e (...) feita a proclamação do MFA” (idem).

No caso da Emissora Nacional, somente às 7 da manhã ocorreu algo fora do previsto, a transmissão do Hino Nacional.

Rezola (2013, p. 3099) exalta que o MFA no dia 25 de Abril de 1974 “leva a cabo um golpe de estado que, em menos de 24 horas, põe termo a uma das mais velhas ditaduras do mundo (1926-1974)”.

II. Rádios Piratas em Portugal

Em termos internacionais, Badenoch (cit. in. Reis, 2014, p. 11), “situa o precedente das emissões piratas na Europa em 1952, quando um navio norte-americano fundeado no Mediterrâneo Oriental (em Rodes) transmitiu a Voz da América para o sudeste da Europa”. Todavia, o período das rádios piratas começou seis anos mais tarde com a “dinamarquesa Radio Mercur a emitir a partir de um navio entre Copenhaga e Malmö”, segundo Isabel Reis (2014, p. 11).

A Direção Geral dos Serviços Radioelétricos foi criada devido à anarquia e à saturação nas frequências e daí surgiu também a primeira regulamentação, “Assim, a rádio deixa de emitir a partir da casa dos senfilistas para só voltar a ter um cenário idêntico décadas depois, nos anos 80, com a popularização das piratas ou livres e na transição do milénio com as webrádios e o podcast na Internet” (Reis, 2014, p. 9).

De acordo com Bonixe (2012, p. 314), “é evidente a influência que a mudança de um regime ditatorial para a democracia teve no surgimento de pequenos grupos de cidadãos dispostos a fazer ouvir a sua voz nas ondas hertzianas, criando pequenas emissoras que, por emitirem sem licença, ficaram conhecidas como rádios piratas”.

Eram denominadas “piratas”, “porque emitiam à margem da lei” e, na época, o termo foi “usado no parlamento britânico por um deputado para classificar as rádios que emitiam a partir de navios em águas internacionais” (Reis, 2014, p. 12). Como era o caso da Rádio Caroline, uma “emissora profissional ouvida por uma larga faixa da população sobretudo jovem”, que causou em todos os que a ouviam um grande impacto. Esta estação “abalou as estações instituídas e o poder que, com medidas legislativas, a tentou calar e às rádios similares que entretanto surgiram”. Por esta razão, tornou-se num “símbolo de inovação e resistência que persiste até hoje” (Reis, 2014, p. 12).

O surgimento das rádios piratas em Portugal ocorreu num contexto que “não pode ser dissociado das transformações políticas, sociais e culturais pelas quais o país passou na sequência da revolução do 25 de abril de 1974” (Bonixe, 2019, p. 39). As primeiras experiências acabaram por ser “uma consequência prática dessa liberdade de expressão entretanto adquirida e que as populações começavam a sentir” (idem).

“Face à indiferença do poder político e dos próprios grupos e empresas de média, as rádios livres – uma das suas designações, porventura a mais comum – nasceram espontaneamente, na generalidade do território nacional, a partir do final dos anos 1970, mas com maior intensidade a partir do início da década seguinte” (Carvalho, 2014, p. 29).

Sendo novidade, isto fez com que grande parte das estações que então se formaram tivessem “pessoas muito jovens a trabalhar sem qualquer experiência profissional e muito menos ao nível da comunicação social” (Bonixe, 2019, p. 40).

Em Portugal a primeira rádio pirata, de conhecimento público, tendo em consideração que se estima que tenham existido centenas de rádios piratas, mas sem registo, foi a Rádio Juventude, de Heitor Gonçalves, em 1977. As emissões, realizadas a partir de Odivelas, ocorriam ao fins-de-semana. Após esta, seguiu-se a Rádio Imprevisto, de José João Farinha, em 1979, que transmitia apenas duas horas e depois só voltava a transmitir um ou dois dias depois, “para fugir à fiscalização” (Reis, 2014, p. 18). Depois disto, no ano de 1981 surgiram a rádio Caos, a TSF, a Rádio Antena Livre e a Rádio Livre Internacional. Ou seja, apenas num ano surgiram logo quatro rádios de grande relevo na época.

Para muitos que fizeram parte dessa geração de jornalistas, as piratas foram uma “inspiração”, “Os que se iniciaram nas ondas ilegais aprenderam com os mais velhos vindos das emissoras nacionais e das antigas colónias, ciosos de implementarem a ‘rádio que sonhavam’ e aquilo em que acreditavam ser o ‘verdadeiro’ jornalismo: isento, fora da agenda institucional ou partidária, que ouvia tudo e todos, que era feito sobretudo na rua e em direto” (Reis, 2021, p. 366).

Constata-se que tenham existido, em Portugal, na década de 80, “300 a 800 rádios piratas”, e que, dentro destas, estavam os “projetos irregulares e de bairro aos projetos mais ou menos amadores que emitiam com regularidade até aos projetos profissionais que se tinham constituído como cooperativas com enquadramento legal, com uma vida fiscal regularizada, um quadro de pessoal efetivo com as contribuições em dia” (Reis, 2021, p. 379).

2.1. Algumas particularidades das rádios locais

O fenómeno das rádios locais na “década de 60 varreu países como Inglaterra, França, Espanha, Itália e mais tarde Portugal” (Bonixe, 2006, p. 159).

Segundo Bonixe (2010, p. 188), o surgimento das rádios locais em todo o país, intensificado no final da década de 70, “ajudou a mudar de forma profunda o sistema mediático em Portugal e foi o primeiro sinal de liberalização dos media portugueses depois do fim da ditadura, em 1974”. As rádios locais apareceram “num contexto pós-revolucionário impulsionadas pela liberdade de expressão entretanto conquistada no país e que tinham como objetivo a criação de um palco para o discurso alternativo e de carácter local” (Bonixe, 2012, p. 315).

O material necessário para transmitir as primeiras emissões não era muito dispendioso e isto fez com que praticamente “qualquer pessoa”, pudesse ter a experiência da rádio. O “aparecimento das rádios locais constituiu desta forma uma assinalável expressão da vontade de participação de muitos cidadãos e associações, designadamente de cariz cultural” (Carvalho, 2014, p. 29). O autor exprime ainda que, naquele período, “não havia qualquer tipo de concentração empresarial, nem sequer de sinergia entre empresas”.

Estas rádios locais apareceram “fundamentalmente com um cariz localista e regional, assumindo-se, pelo menos numa primeira fase, como um palco para a expressão das populações e das comunidades locais” (Bonixe, 2006, p. 160). Isto é, eram abordadas as notícias e problemas de cada localidade, dando voz àqueles que as habitam.

“É verdade que, em Portugal, a existência de rádios de cobertura local não era completamente original”, segundo Carvalho (2014, p. 29). Esta era uma realidade que já vinha desde as experiências amadoras de rádio, “o regime salazarista tinha autorizado, em 1945, que quatro diferentes estações, fundadas nos anos 30, criassem os Emissores Associados de Lisboa, e em 1953, da mesma forma, seis rádios associam-se na Sociedade Emissores do Norte Reunidos. Antes disso, o Rádio Clube Português começa por ser, em 1928, uma rádio local da Parede, com a designação CT1DY – Rádio Parede. Mais tarde, surgiram a Rádio Altitude (Guarda), a Rádio Clube do Centro, a Rádio Madeira, o Posto

Emissor do Funchal, o Rádio Clube de Angra do Heroísmo e a Rádio Clube Asas do Atlântico” (Carvalho, 2014, pp. 29 e 30).

Contudo, a maioria das estações locais, “particularmente as que surgiram até 1984, caracterizavam-se sobretudo pela escassez de meios técnicos, humanos e financeiros, sobrevivendo, nalguns casos, de pequenas dádivas dos seus fundadores ou, numa fase mais avançada, de parcas receitas publicitárias” (Bonixe, 2010, p. 191).

Silva e Oliveira (2014, p. 1) defendem que atualmente “a radiodifusão de caráter local tem merecido pouca atenção no espaço público, apesar de configurar uma atividade de grande penetração no tecido social e no quotidiano dos portugueses”. Adicionando que “constituem um espaço por excelência da informação de proximidade, da criação de sentido de comunidade e de interação com os ouvintes”. No entanto, constata também que a “tendência tem sido para o desaparecimento do caráter local destes emissores, quer pela política de retransmissão de cadeias nacionais, quer pelo fim da obrigatoriedade de noticiários focados nas localidades, perante a manifestação de poucas preocupações por parte dos vários quadrantes da sociedade portuguesa” (idem).

De acordo com Reis, Ribeiro e Portela (2014, p. 5), “As piratas, e depois da legalização as rádios locais, foram fruto de um contexto único que, por certo, não se voltará a repetir. Ambas deram voz a todo um país, democratizaram o acesso à rádio, foram influenciadas e influenciaram o rumo político. As piratas e as locais formaram uma geração de profissionais que agora já não fala ao microfone de um estúdio improvisado, mas que ainda olha para esse tempo com a mesma paixão”.

III. Legalização da Rádio

Azevedo (cit. in. Silva e Oliveira, 2014, p. 28) defende que existiram três momentos distintos na evolução da implantação das rádios locais, “uma primeira fase levada avante por jovens entusiastas amadores; uma segunda fase onde surge o poder local, as coletividades e associações empresariais e comerciais; finalmente, a última fase caracterizada pela presença de projetos já profissionais e tecnicamente mais competentes”. Por outras palavras, defende que, no início, a profissão era realizada pelo gosto e curiosidade na novidade da rádio. Depois, a rádio passa a ser vista como um negócio e, por fim, retrata a evolução deste meio para algo mais estruturado.

Para Bonixe (2010, p. 192) foram dois os momentos cruciais da história das rádios piratas portuguesas. O primeiro, marcado pelo amadorismo, “entre 1977 e 1984, altura em que o fenómeno se caracterizou pelo aparecimento de pequenas emissoras em vãos de escada, impulsionadas pela carolice e amadorismo dos seus criadores”. Não era conhecido o número de rádios que existiam, “uma vez que se tratavam de emissoras pequenas, que emitiam ilegalmente algumas horas por dia e, em muitos casos, um ou dois dias por semana”. Não havia um local onde fossem registadas, “emitiam sem licença”.

O segundo momento ocorreu “entre 1985 e 1988, numa fase em que surgiram vários projetos com alguma dimensão e que visavam, já não apenas a afirmação de uma ideia, mas a legalização da radiodifusão local em Portugal”. Nesta fase, apareceram projetos “mais sólidos”, criados “por iniciativa de profissionais dissidentes das rádios nacionais” (idem).

O próximo passo seria então a legalização. Para isto, começaram a ser constituídos grupos, a “29 de maio de 1983, quatro rádios organizaram o 1º Encontro Nacional na Junta de Freguesia de Canelas, em Vila Nova de Gaia” (Reis, 2014, p. 21), formando assim a Comissão Coordenadora das Rádios Livres Portuguesas.

O poder político reagia com “indiscutível lentidão” e tendo em conta a ausência de resposta governamental, foram dois deputados à Assembleia da República, Dinis Alves e Jaime Ramos, apresentar um projeto de lei, em 1983. Os representantes do PS e PSD, respetivamente, que governavam em coligação o Bloco Central, “propunham na sua

iniciativa legislativa que as licenças aos operadores fossem atribuídas por seis anos, apenas a cooperativas ou associações sem fins lucrativos, que não poderiam ser titulares de mais nenhuma licença e que estas seriam intransmissíveis” (Carvalho, 2014, p. 30). Porém, segundo Silva e Oliveira (cit. in. Reis, 2014, p. 21) um dos encontros “mais mediáticos realizou-se em junho de 1984 quando a Rádio Livre de Lisboa reuniu cerca de 60 personalidades em favor das rádios livres”.

Em 1987, as rádios piratas marcaram presença no Congresso Internacional de Rádios Livres organizado pela Federação Europeia de Rádios Livres (Reis, 2014, p. 22).

Nesse mesmo ano foi aprovada a primeira lei que regulamentava a atividade da radiodifusão pela Assembleia da República Portuguesa, “Apenas com os votos favoráveis dos partidos da esquerda parlamentar, então na oposição a um governo minoritário do PSD, a Lei nº 8/87, de 11 de março, previa que as licenças para as rádios locais fossem atribuídas por despacho dos membros do governo responsáveis pelas áreas da comunicação social e das comunicações” (Carvalho, 2014, pp. 30 e 31).

Neste caso, essa lei “impunha um estrito limite (25%) à participação de qualquer pessoa singular ou coletiva em mais de uma empresa de radiodifusão, admitia a transmissão de um alvará apenas em casos excepcionais e cinco anos após a sua atribuição, previa que existissem concursos públicos anuais para atribuição de licenças de emissão”. No entanto, concedia a um Conselho da Rádio a “competência para emitir um parecer vinculativo sobre o licenciamento dos operadores”. Permitindo, “finalmente, que nas rádios locais os noticiários fossem feitos por equiparados a jornalistas” (Carvalho, 2014, p. 31).

Esta lei durou pouco tempo e no ano seguinte, o novo Governo Constitucional, liderado por Cavaco Silva, viria a aprovar uma nova lei.

Em 1988 foi aprovada a lei 87/88, de 30 de julho, que legalizava a atividade de radiodifusão local portuguesa. Com esta lei, “o exercício de radiodifusão é atribuído a empresas públicas, privadas e cooperativas, estabelecendo para estas duas últimas um conjunto de objetivos nomeadamente para aquelas cuja emissão fosse de cobertura local ou regional” (Bonixe, 2010, p. 193). Alguns dos pontos eram que “os fins da atividade privada e cooperativa passam por alargar a programação radiofónica a

interesses, problemas e modos de expressão de índole regional e local, preservar os valores das respetivas culturas, difundir informações de interesse para a área geográfica de cobertura e incentivar as relações de solidariedade entre as populações locais” (idem).

Carvalho (2014, p. 31) adiciona ainda o que esta lei veio alterar: “um Conselho Consultivo substituiria o Conselho da Rádio, que aliás nunca chegara sequer a ser designado; o parecer deste novo órgão não tinha natureza vinculativa; as rádios deveriam ter serviços noticiosos regulares elaborados por jornalistas ou por detentores de um cartão de jornalista de imprensa regional; no processo de licenciamento dos operadores locais deveriam ter preferência as candidaturas apresentadas por empresas detentoras de publicações periódicas regionais e por profissionais do setor”.

A Lei da Rádio tinha sido “prometida desde a Revolução e foi aberto concurso para atribuição de frequências para rádios locais que tiveram de encerrar as emissões até à meia-noite do dia 24 de dezembro, sob pena de serem excluídas do processo de licenciamento” (Reis, 2014, p. 23). Ou seja, só a 24 de dezembro de 1988 é que se “calaram” todas as rádios piratas (Reis, 2014, p. 24).

Depois da luta pela legalização, viria, por isso, um novo desafio, o de atribuição de frequências. Ocorreram dois concursos públicos, em 1988 e em 1989, com capacidade para 402 rádios. Isto causou alguma polémica, tendo em vista que durante a década anterior “terão chegado a emitir cerca de seis centenas de rádios livres” (Carvalho, 2014, p. 32).

Este número de rádios escolhido para o concurso de atribuição de frequências era considerado “um número muito inferior ao que se estimava ser a quantidade de emissoras piratas a emitir em todo o país” (Bonixe, 2010, p. 194).

Outro problema apontado por Carvalho (2014, p. 32) era o facto de serem “proibidas as cadeias de rádios, medida que era claramente dirigida à TSF, um dos operadores então licenciados no concelho de Lisboa, cujos noticiários eram retransmitidos por um significativo número de rádios locais”. Contudo, esta proibição ficou resolvida em 1992, através do Decreto-Lei nº 30/92.

Por fim, Carvalho (2014, p. 32) assinala ainda outra característica que causou alguma controvérsia, o “processo de licenciamento mostraria um país desigual: um excesso de candidaturas no litoral, face às licenças submetidas a concurso e um deserto em alguns concelhos do interior”.

Como já anteriormente referido, o “governo da altura pretendia que as rádios que funcionavam na ilegalidade encerrassem as emissões no dia 24 de dezembro de 1988”. Isto porque acreditavam que “desta forma as emissoras não pressionariam o processo de decisão” (Bonixe, 2010, p. 193).

Apesar de não concordarem, as rádios acabaram por cumprir, mas só depois de se manifestarem contra, “naquele que ficou conhecido como o Dia da Rádio”. Neste dia ocorreu “uma emissão em cadeia, na qual participaram duas centenas de rádios em protesto contra o período do silenciamento e que teve lugar no dia 17 de novembro de 1988 a partir dos estúdios da TSF, em Lisboa. Entre as 7 e as 20 horas tentou-se recriar o ambiente de debate parlamentar convidando para a antena deputados da Assembleia da República Portuguesa” (Bonixe, 2010, pp. 193 e 194).

“Em 1989, pouco a pouco e à medida que as 314 licenças foram sendo atribuídas, muitas destas rádios de âmbito local voltaram a emitir” (Silva e Oliveira, 2014, p. 1). Ou seja, das 402, apenas 314 conseguiram obter licenciamento.

Bonixe (2010, p. 188) considera que as rádios locais têm vindo a ultrapassar várias adversidades, sendo que a primeiro foi a luta pela legalização, que durou 11 anos até ser conquistada. Todavia, esta conquista trouxe consigo outros problemas, que resultaram em “rádios locais que fecharam, outras que abdicaram da sua vertente de informação de proximidade até à cedência de alvarás”. Por fim, falou num desafio que estava ainda a ser colocado às rádios locais, “afirmar a sua presença, potenciando-a num contexto multimidiático dos media em geral e da rádio em particular”.

IV. A Digitalização da Rádio

4.1. Convergência da Rádio

Salaverría, Avilés e Masip (cit. in. Bastos, Zamith, Reis e Jerónimo, 2013, p. 5) definem a convergência como “um processo de integração de media tradicionais dantes separados”. Isto é, uma união dos meios tradicionais.

Cordeiro (2005, p. 437) afirma que “A rádio vive neste momento um processo de transformação extensivo e com consequências maiores do que as primeiras grandes mudanças que enfrentou, quando apareceram os transístores, ou quando passou a emitir em Frequência Modulada”. A autora alega que “A digitalização abrange quase todas as tecnologias e processos técnicos. Multiplicam-se os canais dos diferentes meios de comunicação que, na rede, apesar de manterem os traços distintivos originais, reúnem formas flexíveis e multimédia, inerentes ao sistema digital”.

Para a autora, esta digitalização está a alterar a natureza da rádio “Em conjunto com a automatização e a compressão de sinal, tornam-se mudanças fundamentais que abrangem os processos de produção, emissão e receção da rádio, chegando ao ponto de alterar a natureza do conceito, quando a rádio é transposta para um novo suporte que permite a combinação das características da rádio com elementos multimédia, numa plataforma de convergência mediática” (idem).

Segundo Bonixe (2008, p. 276), o aparecimento da internet trouxe um “enorme desafio”, que chegou a “levar alguns a pressagiar o seu desaparecimento”, referindo-se à rádio. Neste desafio, coloca dois parâmetros. Por um lado, questiona sobre o conceito do meio radiofónico, “em que medida ainda se fala de rádio quando o ouvinte/utilizador já não tem só o papel de recetor passivo, podendo ser o produtor de conteúdos, selecionar o que pretende escutar a qualquer hora e em qualquer local, ver vídeos, infografia, comentar uma notícia ou enviá-la para um outro utilizador”. O autor adianta ainda que “Nada disto parece ser rádio, se por rádio entendermos tratar-se, unicamente, de uma comunicação exclusivamente sonora”.

O outro lado que indica é que “se partirmos do pressuposto de que a rádio enquanto meio sonoro não vai desaparecer (...) que papel lhe cabe e que formas

adquirirá num espaço mediático caracterizado pela coexistência com a Internet?”. Bonixe questionava-se, portanto, de que forma a rádio se iria reinventar.

“Tradicionalmente conhecida como um meio imediato e irrepetível, a rádio, com o advento da Internet, pode redefinir-se” (Cordeiro, 2004, p. 1). Na visão da autora, a internet traz, efetivamente, mudanças para o conceito original, “A introdução de sistemas multimédia vem alterar a natureza da rádio, podendo transformá-la de tal forma que nos obrigue a reequacionar o conceito, questionando a validade da definição do que é a rádio e a sua comunicação”.

“Na rádio, a Internet começou por ser utilizada essencialmente como ferramenta de trabalho. A partir da sua produção para as ondas hertzianas, muitas estações começaram a disponibilizar os seus conteúdos na Internet em websites próprios sem aumentarem nada ao formato inicial. Posteriormente, as estações começaram a produzir conteúdos específicos para a Internet, e surgiram projetos a operar exclusivamente neste novo meio de comunicação, sendo este o estágio que se desenvolve na atualidade” (Cordeiro, 2004, p. 2).

Prata (2009, p. 2) destaca dois tipos “Radiofonia analógica: emissoras que realizam transmissões analógicas através de irradiação e modulação das ondas eletromagnéticas, também chamadas de rádios hertzianas; Radiofonia digital: a) emissoras de rádio hertzianas com transmissão digital; b) emissoras de rádio com existência exclusiva na internet ou webrádios”. Neste caso, as emissoras de rádio com existência exclusiva na internet são o foco do estudo, tendo em mente que a rádio onde foi realizado o estágio, Rádio Metropolitana Porto, transmite somente online. Paula Cordeiro (2004, p. 1) classifica a internet “como um suporte complementar”, no caso das rádios hertzianas com transmissão digital, acreditando que mesmo estas sentem a necessidade de ter o complemento da internet.

Por rádio web entende-se “a emissora radiofónica que pode ser acessada por meio de uma URL (Uniform Resource Locator), um endereço na internet, não mais por uma frequência sintonizada no dial de um aparelho recetor de ondas hertzianas” (Prata, 2009, p. 2). Por norma, esta “tem uma homepage na internet por meio da qual podem ser acessadas as outras páginas da emissora. Na homepage aparecem o nome da rádio,

geralmente um slogan que resume o tipo de programação e vários hiperlinks para os outros sites que abrigam as diversas atividades desenvolvidas pela emissora” (Prata, 2009, p. 2).

Belau (cit. in. Bonixe, 2008, p. 277) apontava, antes de existir a presença da rádio na internet, um conjunto de motivos que defendiam a presença desta no meio online, por exemplo “o facto de não ser necessária uma concessão para a atividade de radiodifusão, a inexistência de fronteiras para a rádio que pode ser ouvida em qualquer parte do mundo, a crescente utilização do computador e da Internet no mundo Ocidental e o crescimento potencial das audiências para a rádio presente na rede global”.

Para Reis (2009, p. 9), “A rádio alargou fronteiras, saiu do éter e estendeu-se à web”, considerando que esta evolução era “inevitável na sociedade em rede” e que a sua expansão na internet surgiu “como uma extensão natural do meio”.

“A virtualização cada vez mais intensa nas práticas sociais tem afetado de forma significativa também os meios de comunicação tradicionais” (Pacheco, 2010, p. 1). Pacheco olha, por isso, para esta digitalização duma forma negativa, como se os meios de comunicação tradicionais, tal como os conhecemos, estivessem a ser danificados.

Segundo Bonixe (2010, p. 339) “A presença da rádio informativa portuguesa nas redes sociais Twitter e Facebook começou a ser uma realidade no final de 2009 e tem sido cada vez mais significativa”. Ou seja, há mais de uma dezena de anos, esta presença continua a ser uma realidade, mas estendeu-se a mais espaços na web, por exemplo, Instagram, Youtube ou Spotify.

Ao passo que a rádio é representada pelo som, na internet, o som “é apenas um dos muitos recursos que podem ser utilizados” (Reis, 2015, p. 175), em combinação com outros. Segundo Reis (2015, p. 175) “A audição deixou de ser o único elo de ligação entre a rádio e o ouvinte” e que é possível perceber se o som continua a ser uma prioridade ao realizar a simples pesquisa abrir “as páginas das emissoras, feitas para os olhos e não para os ouvidos”.

Comunica ainda que “As homepage são dominadas por imagens e texto, e os ícones do som são pouco perceptíveis na multiplicidade visual dos sites” (Reis, 2015, p.

175). De facto, quando entramos numa página duma Rádio, não começa automaticamente a rádio a tocar, é necessário clicar em “Ouvir Emissão” ou algo do género para aceder. Além disso, atualmente estas páginas têm sempre cores vivas, chamativas, como é o caso da Rádio Metropolitana Porto, que tem até referência a um local histórico da cidade invicta, de modo a criar algum vínculo com o utilizador. Na RMP, em particular, o que está escrito em primeiro lugar na página é “No Ar- Ouvir Emissão”, de forma bem legível, como é possível ver no anexo 2 (figura 2). Todavia, ao descer a página e ver as notícias ou hiperligações para redes sociais, tudo isso pode fazer com que o utilizador se “perca” nessas atividades e acabe por nem sequer chegar a ouvir de facto a emissão.

“O website de uma rádio deverá sempre estimular a visita e o regresso do utilizador, apresentando conteúdos com interesse e relevância para o seu público” (Cordeiro, 2004, p. 3). Deve incluir a “apresentação da sua programação, informação sobre locutores e jornalistas, bem como dados relativos à playlist, passatempos e algumas notícias” (Cordeiro, 2010, p. 3).

Assim como qualquer ciberjornal, também o site duma rádio, está ou deve estar dividido por editorias, “As notícias colocadas nos sites das rádios estão agora apresentadas de um modo fragmentado que o usuário vai consultando em função dos seus interesses” (Bonixe, 2010, p. 333).

No que diz respeito à mensagem radiofónica transmitida, a rádio online e a rádio mais tradicional em nada diferem, a não ser na forma à qual são acedidas. A rádio online, através dum dispositivo com ligação à internet, acedendo ao link do respetivo site e a rádio convencional que pode ser ouvida num rádio, telemóvel, televisão, carro, entre outros. Todavia, o tipo de linguagem é, ou deve ser, sempre o mesmo, não sendo necessário nenhum auxílio de elementos textuais ou imagéticos. Ou seja, a mensagem deve ser simples, direta e descritiva, “para entender a mensagem transmitida, não é preciso o auxílio visual da página, que pode ser minimizada. A mensagem tem sentido apenas pelo áudio” (Prata, 2009, p. 3).

Contudo, com a utilização da internet, os novos recursos como as hiperligações, infografias, fotografias, texto podem vir complementar a mensagem que os locutores

querem passar, pode ser uma mais-valia. De acordo com Bonixe (2010, p. 337), “O desafio está, pois, na utilização e domínio de uma nova linguagem já não apenas baseada na expressividade sonora. Com a presença da rádio informativa na internet, emergem novas narrativas que decorrem da utilização desses novos elementos expressivos”.

Gago (cit. in. Bonixe, 2008, p. 278) apontou cinco fatores diferenciadores que ocorrem nos sites da rádio e que não faziam parte da sua antiga comunicação (apenas sonora): “os indicadores linguísticos (presença da palavra escrita), semânticos (identificação da língua e os diversos assuntos presentes), icónicos (representações gráficas, imagens e fotografias), presenciais (arquitetura do site, cor) e hipertextuais (ligações externas e internas)”.

Com a convergência da rádio convencional para o online, este meio acaba por deixar de ser apenas local, “pois com a conexão virtual pode ser ouvido em qualquer lugar do planeta” (Pacheco, 2010, p. 6). O autor acrescenta ainda que “Esse processo de convergência mostra que o espaço virtual evoluiu vertiginosamente disponibilizando outra dimensão e atacando outro público”. Geralmente um público mais jovem, que cresceu com a tecnologia e foi desenvolvendo as suas capacidades tecnológicas ao longo da vida.

Cordeiro (2004, p. 2) apesar de não saber definir ainda aquilo que a rádio se está a tornar, garante que esta “foge ao modelo tradicional, atualizando um formato com cerca de oitenta anos de existência e fornecendo ao utilizador, que é também o ouvinte, um amplo conjunto de potencialidades, que até aqui seriam impensáveis”. Caracterizando, desta forma, a web como algo que fortalece a rádio.

A internet permite agora várias coisas que, nos primórdios da rádio, não seriam possíveis. Por exemplo, ver imagens ou vídeos; saber o aspeto físico dos locutores através das redes sociais da rádio; ler uma notícia em vez de ouvi-la; não ouvir um programa em direto e ouvir mais tarde no podcast oficial da rádio, entre outros. Isto tem claramente as suas vantagens e desvantagens.

O vídeo, principalmente, é aquilo que foge mais ao conceito original de rádio. Isto porque, ler uma notícia ou ouvi-la, não são atividades muito distintas, dado que

ambas requerem, por parte do ouvinte que este percecione uma “imagem mental”, “tanto o leitor como o ouvinte podem – devem – formar uma imagem mental do que está a ser descrito” (Crisell, 2006). Defende, no entanto, que, na literatura, essa imagem que criamos, provém apenas das palavras, da linguagem e que na rádio, as vozes acabam por ser um símbolo do “mundo material”, existe um determinado contacto com esse mundo, ao contrário do que acontece nos livros. Com o vídeo, todo este “trabalho” mental, deixa de ser necessário.

O facto de não ser mais necessário ouvir algo em direto, é positivo para o ouvinte, porque pode escolher o momento para ouvir. Bonixe (2010, p. 333) estabelece uma comparação entre a rádio convencional e a webrádio, relativamente ao consumo de notícias, “Com a internet, o tempo já não é o da rádio, mas sim o do ouvinte que ouve a notícia que quer, quando quer e onde quer”. A internet traz, por isso, essa vantagem, coloca o utilizador como “líder” do seu tempo. Já não é necessário ouvir conteúdos que não nos interessam para chegar àqueles que nos interessam, podemos fazer uma seleção. Isto está claramente relacionado com a grande quantidade de notícias publicadas diariamente e é positivo na medida em que não se desperdiça tanto tempo com algo que não nos é relevante.

Porém, para os locutores e diretores de rádios pode constituir uma desvantagem, visto que diminui o número de ouvintes em direto e até as possibilidades de a pessoa chegar realmente a ouvir o podcast, devido ao esquecimento e devido também à quantidade exacerbada de conteúdos digitais de rádio atualmente.

Um dos pontos fortes da rádio online é ainda a interatividade. Esta interatividade pode ocorrer através de comentários no Facebook, notícias no site ou no podcast, ajudando a “fortalecer a opinião pública” (Pacheco, 2010, p. 12). Isto não acontece na rádio convencional, onde, anteriormente para manifestar uma opinião seria eventualmente necessário mandar um email ou ligar para o número de telefone de rádio. No caso do digital, acontece de uma forma muito direta, sem grande esforço. Basta deixar um comentário numa publicação ou enviar mensagem direta para alguma rede social da rádio.

Para Bonixe (2010, p. 333), isto veio também alterar o momento de escuta, “O ouvinte não é apenas passivo, pois a presença do meio radiofónico na web e a utilização de determinadas ferramentas proporcionam novas formas de proatividade”.

Para Bonixe (2008, p. 277), a internet permitiu “potenciar” algumas das características que a rádio, por si só, já tinha, como a já referida interatividade portabilidade, “Se a rádio já era transportável, com a possibilidade de ter programas em formato podcast, essa sua especificidade ganhou outra relevância”.

Meditich (2001, p. 4) acreditava, em 2001, que isto não iria alterar o conceito original da rádio, “Minha aposta é que o rádio assim definido- um meio de comunicação que transmite informação sonora, invisível, em tempo real - vai continuar existindo, na era da internet e até depois dela, e vai ser aperfeiçoado pelas novas tecnologias que estão por aí e ainda por vir, sem deixar de ser o que é”. Acrescentando, relativamente às potencialidades da internet, que os locutores não devem resistir, mas sim “tirar proveito delas”.

4.2. O papel do som no jornalismo radiofónico online

Para Reis (2015, p. 176), cada meio “tem na sua génese um recurso específico”, a imprensa tem a palavra, a televisão contém a imagem e no caso da rádio, a “essência” é o som, segundo Meditsch, Herreros e Crisell (cit. in. Reis, 2015, p. 175).

O jornalismo radiofónico pode ser considerado um tipo de jornalismo onde existe uma maior dificuldade em captar a atenção do ouvinte, por não existir imagem, comparando com a televisão, ou um texto para “seguir”, no caso da imprensa. Além disto, segundo Crisell (2006, p. 5) “o ouvido não é o mais «inteligente» dos nossos órgãos dos sentidos” e por isso a mensagem passada tem de ser “relativamente simples”.

Por essa mesma razão, este tipo de jornalismo tem de trabalhar ferramentas diferentes, tal como o tom de voz. Dar ênfase a palavras-chave para captar a atenção, utilizar frases curtas, vocabulário simples, para atingir uma maior audiência. É ainda importante a seleção de uma música de fundo. Esta música deve ser apenas um instrumental, para não confundir o ouvinte, e estar ligada ao tema, por exemplo, na inauguração do novo Mercado do Bolhão, escolhi colocar o instrumental da música

“Porto Sentido” de Rui Veloso, para direcionar o ouvinte para o ambiente da cidade invicta, considerando o valor que o Mercado tem para os portuenses.

Crisell (2006) no livro “Understanding Radio”, na primeira página do primeiro capítulo, sobre as características da rádio, fala sobre o que destaca a rádio dos outros meios de comunicação. Na sua ótica, o maior fator de diferenciação é o facto de ser um meio “cego”, “Não conseguimos ver as suas mensagens, elas consistem apenas em barulho e silêncio” (p. 18). O autor considera que, este fator de diferenciação da rádio é, ao mesmo tempo, a sua grande desvantagem: basear-se somente no som. “Os recetores, que são ouvintes, ou coletivamente uma audiência, não conseguem ver o remetente ou o locutor, como conseguem na televisão ou num filme” (p. 5).

O mesmo autor, no capítulo três, sobre os signos e códigos da rádio, fala sobre aqueles que considera serem os três “barulhos” da rádio: palavras, sons e música.

As palavras têm um “caráter simbólico”, o seu simbolismo está ligado ao apelo imaginativo. No entanto, como as palavras são “inevitavelmente faladas”, ao contrário da imprensa, por exemplo, isto pode constituir um “código binário, onde as próprias palavras são símbolos daquilo que representam, enquanto que a voz na qual são ouvidas, são um índice da pessoa ou «personagem» que está a falar”, segundo Pear (cit. in. Crisell, 2006).

Já os sons, “ao contrário das palavras” que são uma “invenção humana”, são naturais, “uma forma de significação que existe «lá fora» no mundo real”. Por fim, a música. Neste caso, a música tem outro significado, porque “a música na sua forma essencial é sempre, e em todo o lado, igual”. Ou seja, não é modificada ou adaptada à rádio. Apesar de estar muito presente na rádio, não é algo que seja exclusivo deste meio ou realizado propositadamente para este meio. Contrariamente, por exemplo, às reportagens radiofónicas, que só fazem sentido ao ouvir unicamente o som, visto que, se tivesse imagem por exemplo, iria estar a ser descrito aquilo que é possível ver na imagem, algo desnecessário e que iria causar repetição de ideias.

“Se, inicialmente, os conteúdos radiofónicos eram literalmente transpostos para o novo meio, 20 anos depois era expectável uma evolução em que a rádio tradicional e o site fossem dois produtos distintos” (Reis, 2015, p. 175). Segundo a autora, em 2015,

esta era uma realidade que ainda não ocorria, pelo menos com a frequência que devia ocorrer. No site, as notícias textuais são mais concisas, não há necessidade de nos dirigirmos a um “tu”, fazer um determinado tipo de voz ou ter uma música a acompanhar toda a dinâmica.

Meneses (cit. in. Reis, 2015, p. 177), “atribui ao som três funções básicas na informação radiofónica: informar, credibilizar e ritmar”.

Na rádio e nas emissões em direto em específico podem acontecer vários erros, “Falar pode acompanhar-se de lapsos, falhas, falsas partidas e palavras repetidas” (Santos, 2017, p. 36). Realçou ainda que “As palavras da conversa são avaliadas, mas também o tom de voz, o modo de captar, recomeçar e fazer pausas”.

“A estética radiofónica e o som mantêm-se como os elementos básicos que distinguem o produto jornalístico radiofónico na internet e que prolongam para o novo meio a essência da rádio formada pela voz humana, pelos cenários sonoros que carregam muito mais emoção e expressividade do que a palavra impressa” (Reis, 2009, p. 3). A autora acrescenta ainda que “Porque o valor jornalístico do som ambiente do acontecimento ou da entoação da voz, quando transcritos em palavras, perdem força e intensidade”. Ou seja, a mensagem passa duma forma mais cativante para o público através do som, existe a presença de algo mais que não a escrita, “Na web a rádio perde a exclusividade da audição e o som deixa de ser o único elemento de contacto entre o emissor e o recetor” (idem).

V. Rádio Metropolitana Porto

A Rádio Metropolitana Porto (RMP) é uma rádio com existência exclusiva na rede que surgiu em abril de 2017. Está legalizada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), sob o nº 700130. Com atual localização na Rua Barão Forrester 811, sala 5, 4050-350, Porto, a RMP foi fundada por Ângelo Monteiro, Diretor Geral, em conjunto com Manuel Monteiro, Diretor Executivo.

A equipa conta ainda com o Diretor de Programação, Eduardo Coelho. Ao todo são cerca de 39 colaboradores, excluindo os estagiários. Apesar da localização da sede ser no Porto, existem vários membros integrantes da equipa que moram em pontos diferentes do país. Nestes casos, gravam previamente a emissão a partir do local onde se encontram e enviam para depois ser transmitido.

Para obter uma melhor análise acerca do percurso da Rádio Metropolitana Porto foi realizada uma entrevista ao Diretor Geral, que explicou que a RMP nasceu “da vontade de um grupo de quatro pessoas” e que foi “convidado por um nome bem conhecido na área da locução aqui no Grande Porto, com mais de 50 anos de carreira, pelo Manuel Monteiro”. Ângelo Monteiro conheceu Manuel Monteiro num outro projeto de rádio que “não surtiu efeito” e depois disso surgiu a ideia de criarem em conjunto uma rádio. Para dar início ao projeto, o Diretor Geral tratou da “parte burocrática, legalização da rádio, os registos devidos na Entidade Reguladora para a Comunicação Social, as licenças da SPA”.

Recordou o início da história da RMP, “só tínhamos um computador portátil, uma mesa, que era esta que ainda hoje temos aqui e tínhamos um microfone, que era precisamente aquele também”, enquanto apontava para o material do estúdio da RMP, onde foi realizada a entrevista.

O Diretor Geral declarou que já teve outras profissões, que realizava ao mesmo tempo em que trabalhava na Rádio, mas que a partir de fevereiro de 2023 a dedicação passou a ser “100%” a Rádio.

A média de audiência da Rádio Metropolitana Porto atualmente é de 8 mil ouvintes em todo o mundo. Para Monteiro, a maior vantagem de ter uma rádio online é o facto de poder ser escutada em qualquer lado. Além de Portugal são ouvidos em “Singapura,

Austrália, Ucrânia, Rússia, Estados Unidos, Brasil, Cuba, Argélia, Angola”. Revelou ainda que o sexo feminino está em maior percentagem e que a faixa etária se situa entre os 30 e os 50 anos. Em relação às localidades em Portugal onde a Rádio é mais escutada indicou Porto, Matosinhos e Vila Nova de Gaia.

Ângelo Monteiro revelou que uma das estratégias quando nota um decréscimo no alcance do público, no Facebook por exemplo, onde costuma ver estas percentagens frequentemente, é a realização de mais publicações, “quando há mais publicações, há uma procura maior, há mais visualizações”. “Em lugar de se colocar de hora a hora, colocar, por exemplo, no intervalo das meias horas, uma ou duas publicações para que se possa contrariar esses números”, adiantou.

No que diz respeito ao meio online anunciou: “Hoje em dia é praticamente impossível uma rádio FM não ter também o online”. O que quer dizer que, mesmo as rádios que possuem uma frequência, que não têm tanta necessidade de estarem presentes no meio online, estão também a dar uma grande importância ao digital, visto que “potencia mais ouvintes e maior divulgação da rádio”.

A cobertura das notícias é local, focada na Área Metropolitana do Porto (AMP), que inclui os municípios do Porto, Maia, Matosinhos, Vila Nova de Gaia, Arouca, Vale de Cambra, São João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Valongo, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Trofa, Santo Tirso, Espinho, Gondomar, Paredes e Santa Maria da Feira. “Nós cobrimos mesmo toda a Área Metropolitana do Porto e o nosso público-alvo é precisamente esse”, sublinha o Diretor, acrescentando que “a Área Metropolitana do Porto é muito rica na parte cultural, mesmo a nível de música tradicional portuguesa, que é aquilo que nós damos muito valor e também a música popular portuguesa”.

As rádios locais, como é o caso da Rádio Metropolitana Porto, têm a particularidade de serem “um espaço de expressão sonora multifacetado onde se reconhecem linguagens e sotaques próprios, a informação local, a música popular e regional, as vozes conhecidas de quem ali vive ou emigrou e que encontra na rádio um lugar de (re)encontros e afetos” (Reis, Ribeiro e Portela, 2014, p. 5). Neste caso, está presente o sotaque portuense, informações essencialmente sobre a Área Metropolitana do Porto e a música tradicional. Tudo isto remete aos emigrantes, que são grande parte do

público desta Rádio também, que é escutada em vários pontos diferentes do mundo, anteriormente enumerados, às suas origens, o que torna inevitavelmente este meio um meio de emoções.

Segundo o Diretor, existem diariamente novos desafios, “todos os dias nos perguntam se podemos participar num projeto”. Isto inclui convites para eventos ou parcerias, que, tal como pude constatar no email e nas redes sociais, acontecem frequentemente. Os eventos de maior interesse para a Rádio são os solidários, “esse tipo de eventos solidários mexe sempre um bocadinho connosco e nós nunca dizemos que não”.

5.1. Plataformas mais utilizadas

A Rádio Metropolitana Porto utiliza essencialmente três plataformas de forma assídua, que mais à frente serão analisadas, sendo estas o site, o Facebook e o podcast. O site é indicado para fazer as emissões e publicação de notícias relativas à Área Metropolitana do Porto, o Facebook, para partilhar notícias e promover a Rádio e eventos a acontecer e o podcast para partilhar os episódios mais relevantes dos programas.

Através destas redes ocorre o contacto com o público. A RMP está atenta ao que os ouvintes comunicam através dos comentários, emails e mensagens privadas no Facebook. Por ter acesso a estes, foi possível perceber que os emails eram todos abertos, para não perder informações noticiosas, eventos, oportunidades de parcerias, entre outros. No Facebook existem respostas automáticas, que indicam que quando for possível será verificada a mensagem e além disso, o Diretor Geral da Rádio costuma verificar diariamente as sugestões ou alertas de notícias que recebe via Facebook e enviar uma resposta. Ou seja, tanto no Facebook como via email, quem envia uma pergunta ou informação acaba sempre por obter uma resposta, mesmo que não seja de imediato.

5.1.1. Site

Para ouvir as emissões em direto é necessário aceder ao site e clicar em “Ouvir Emissão”. Existem vários programas que não ocorrem em direto, são previamente gravados, mas os que são emitidos sempre em direto são Sobremesa Musical, de Eduardo Coelho, SabaRádio, de Manuel Monteiro e Ângelo Monteiro, Sou Brasil, de Marlúcio Arruda e Reflexões, de Eduardo Coelho, Júlia Campos e Tiago Machado. Sobremesa Musical é um programa transmitido de segunda a sexta-feira, das 14 às 16h, que pode incluir música, notícias, entrevistas, diretos e reportagens. SabaRádio, emitido aos sábados, é uma rubrica que se prolonga das 15h às 19h e tem basicamente o mesmo formato. Sou Brasil, também emitido aos sábados, das 12h às 14h, é um programa onde se discute a atualidade do Brasil e Reflexões, transmitido às segundas-feiras, das 21 às 23 horas, representa também um ‘debate’ entre três locutores sobre os principais temas da atualidade.

É também no site que se encontram as notícias escritas sobre a Área Metropolitana do Porto. Na página inicial aparece uma fotografia da ribeira do Porto, tendo assim logo uma referência à cidade invicta. Escrito a letras brancas e amarelas está “Rádio Metropolitana Porto”, com a descrição “A Rádio online do Grande Porto para todo o mundo”. A sigla é RMP e as cores das letras são azul, rosa e laranja, respetivamente. Além disso, as notícias mais recentes estão destacadas logo no início.

O site está dividido em vários setores, como “Quem Somos”, “Notícias”, “Eventos”, “Estatuto Editorial” e “Parcerias”. “Quem Somos” encaminha o cibernauta para uma página que fala acerca do percurso da rádio. Neste ponto é possível também clicar em “Equipa” ou “Programação”. Em “Equipa” aparecem fotografias e uma breve apresentação de cada locutor e em “Programação” é fornecido o horário de cada programa, numa grelha. No entanto, esta grelha pode sofrer alterações. Na altura da realização do estágio, a grelha de programação era diferente (anexo 1, figura 1).

Em “Notícias” é possível ver as editorias, que estão divididas em “Atualidade”, “Área Metropolitana do Porto”, “Nacional”, “Internacional”, “Desporto”, “Cultura e Artes”, “Política”, “Meteorologia” e “Entrevistas”. O horário de publicação das notícias geralmente é às 8h, 10h, 12h, 14h, 16h, 18h, 20h e 22h. É permitido fazer comentários nas notícias.

Em “Eventos” verificam-se os próximos eventos a decorrer na Área Metropolitana do Porto, promovidos pela Rádio. Em “Estatuto Editorial” é abordado o objetivo da Rádio e questões legislativas.

Por último, em “Parcerias” aparecem todos os logótipos das empresas que auxiliam o desenvolvimento da Rádio.

No final da página contém a morada, os contactos, de telefone e telemóvel, email geral e email de estúdio. Através do site, há também possibilidade de aceder a outras redes da RMP, como o Facebook, Instagram, Twitter, Youtube e Spotify. No lado direito da página aparece o registo na ERC e todas as publicidades e próximos eventos. O link de acesso ao site da Rádio Metropolitana Porto é o www.radiometropolitanaporto.pt.

5.1.2. Podcast

O podcast contém 8 programas que compõem o panorama da RMP, Sobremesa Musical, Reflexões, SabaRádio, Sou Brasil, Reportagem, Educ’Arte, Raízes da Nossa Terra e Encontro com Artes.

São colocados na plataforma Ivoox consoante a importância do conteúdo noticioso, após a edição de alguma emissão em direto dum determinado programa ou da construção duma reportagem.

Na página inicial contém uma breve descrição da RMP, o link de acesso ao site oficial e ao Facebook. Nos “interesses” da Rádio foram selecionados “Músicas do Mundo”, “Cinema, TV e Shows” e ainda “Mundo e Sociedade”. Não são permitidos comentários no perfil da página, mas em cada episódio é possível deixar um comentário, descarregar o episódio, partilhá-lo ou colocar um “gosto”.

Ângelo Monteiro falou acerca duma vantagem sobre os episódios no podcast: “Quando o artista vem à Rádio, nós gravamos, editamos e publicamos. Assim, dá para voltar a ouvir e resulta também para quem não conseguiu ouvir. Vamos articulando isso e o artista também fica satisfeito, também divulga, não só o seu trabalho, mas também a Rádio”, ou seja, existe aqui o intuito da promoção da Rádio, através da divulgação dos episódios.

O link de acesso ao podcast é o https://pt.ivoox.com/es/perfil-radio-metropolitana-porto_a8_podcaster_24158213_1.html.

5.1.3. Facebook

No Facebook são publicadas notícias, algumas feitas exclusivamente para a rede social, mas a maioria são notícias partilhadas do site ou do podcast, através da hiperligação.

As notícias publicadas exclusivamente no Facebook muitas vezes são notícias de última hora, visto que no site existe um horário mais “fixo” de publicação de notícias e no Facebook isto não acontece. Dessa forma conseguem publicar notícias de última hora, ou seja, ser uma rádio com constante atualização de informação, sem alterar o alinhamento do site. O facto de as notícias mais importantes do site serem partilhadas no Facebook faz com que tenham uma maior repercussão, com comentários e ‘gostos’, porque apesar de também haver essa possibilidade no site, raramente acontece. O Facebook é utilizado também para divulgar a programação da Rádio, ao longo do dia são publicadas fotografias dos programas e a hora a que são transmitidos. Serve também para a autopromoção e podem ainda acontecer diretos ou vídeos previamente gravados de reportagens ou entrevistas.

Para Ângelo Monteiro, as redes sociais e o Facebook em concreto tornaram-se “numa ferramenta imprescindível na promoção e divulgação da Rádio, no nosso caso em particular e creio que no geral também”. Adiantou ainda: “para nós a maior vantagem é promover e divulgar os nossos programas e as nossas atividades, sem dúvida alguma, depois, promover e divulgar também os artistas ou quem vem à Rádio”.

A fotografia de perfil do Facebook é o logótipo da RMP e contém na página inicial a localização da sede, o contacto oficial da Rádio, o email e o site. No Facebook têm um total de 23 mil seguidores. O link de acesso é o <https://www.facebook.com/radiometropolitanaporto>.

Porém, para Ângelo Monteiro, todas as plataformas (site, podcast e Facebook) são igualmente necessárias e complementam-se.

VI. Experiência no Estágio

O estágio curricular na Rádio Metropolitana Porto teve início a 5 de setembro e terminou a 23 de dezembro de 2022, perfazendo um total de 520 horas. O supervisor da Instituição de Estágio foi o Diretor Geral da RMP, Ângelo Manuel Monteiro e o orientador do Estágio foi o Professor Doutor Paulo Frias da Costa.

Os horários do estágio eram, por norma, três dias por semana o dia inteiro e dois dias na parte da tarde. No entanto, podiam ser alterados de acordo com as atividades a ocorrer ou entrevistas que fossem necessárias realizar.

O supervisor do estágio, desde o início me deu total liberdade para fazer as tarefas que fizessem mais sentido, de modo a futuramente realizar o relatório. O meu estágio passou por diversas fases, porque, tendo a oportunidade de trabalhar numa rádio online, tentei executar o máximo de notícias e reportagens para as diferentes plataformas, estar presente em todos os eventos possíveis, editar reportagens, entre outros. Porém, quando havia algo de grande importância, como um evento para comparecer, algo de última hora para noticiar ou para editar e sair no podcast, recebia o pedido do coordenador para efetuar essas tarefas.

Muitos dos locutores trabalham a tempo inteiro noutros locais, por isso o meu dia-a-dia na Rádio era passado muito individualmente. Apenas tinha a presença de um locutor na parte da tarde, entre as 14h e as 16h, Eduardo Coelho, onde observei a transmitir o programa Sobremesa Musical e onde tive a oportunidade de entrar em direto algumas vezes.

Desde o início concederam-me acesso ao email da Rádio, ao Facebook, ao site, através do Wordpress e ao podcast, através do Ivoox.

O email funcionava especificamente para poder ter conhecimento dos eventos a acontecer, dos comunicados de imprensa, notas de agenda, entre outros. A par disto, era útil também para enviar emails a confirmar a presença da RMP num determinado local ou obter o número de telemóvel duma entidade, para entrar em contacto e recolher mais informações sobre a atividade em questão.

A rede social Facebook era utilizada maioritariamente pelo Diretor Geral da Rádio e o Diretor de Programação, Eduardo Coelho, para promover os programas da Rádio, anunciar os convidados das entrevistas, partilhar notícias ou fazer diretos. As minhas publicações passaram sempre por partilhar as notícias mais relevantes publicadas no site, partilhar os episódios do podcast e fazer reportagens em direto.

No site publiquei sempre notícias com diversas editorias, mas a editoria que dediquei mais conteúdo noticioso foi Cultura e Artes. Por norma eram 8 notícias por dia, de 2 em 2 horas. Além de mim, o Diretor Geral da Rádio também publicava e consoante o que ele publicava, tentava perceber os temas e as categorias que estavam em falta noticiar. Conforme estivessem planeadas as outras notícias, a publicação das minhas ficaria para o horário mais conveniente, podendo até ser publicadas no dia seguinte. Para a elaboração das notícias, recorria a outros jornais, principalmente os mais direcionados para o Porto, como o Porto Canal e também a RTP. Outra forma de obter informações era ir ao email e ver os comunicados que chegavam à Rádio, por meio da assessoria de imprensa duma determinada Câmara Municipal, da Polícia Municipal, entre outros. Ou ainda, quando saía em reportagem, os áudios recolhidos, para além de serem transformados em reportagens radiofónicas, eram também convertidos para reportagem em texto.

Ao publicar no site, para além do título, lead, corpo da notícia e assinalar que o texto era escrito por mim, era necessário escolher as editorias adequadas (podia ser mais do que uma) e colocar uma fotografia. Eram também utilizadas “etiquetas”, que ajudam na procura da notícia. Podiam ser com o nome das editorias ou mais específicas, com o nome duma localidade ou algo como “Futebol”, “Crime”, “Acidente”, entre outros.

No podcast criei o programa denominado “Reportagem”, que retratava exclusivamente experiências no terreno. Após a experiência no terreno, realização de entrevistas, o objetivo era criar algo, com voz off, música, entrevistas e sons. O intuito era que o conteúdo noticioso permanecesse online, sendo possível o acesso a qualquer momento. Depois de as minhas reportagens irem para o ar, no programa Sobremesa Musical, por norma logo ao início, por volta das 14h05, eram normalmente publicadas nesse programa, para que as pessoas que não conseguissem ouvir a tempo tivessem essa possibilidade, ou para quem conseguiu ouvir, poder ouvir de novo.

A grande vantagem é que, desta forma, é sempre possível, para qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, aceder a algo que passou na rádio num determinado momento em direto, basta ter ligação à internet. Outra das razões foi ainda o facto de na grelha de programação não existir nenhum programa exclusivamente para conteúdo noticioso, as notícias estavam presentes em alguns programas, por exemplo no Sobremesa Musical e no SabaRádio, mas eram acompanhadas por música também. No caso do “Reportagem” o objetivo era focar apenas na informação.

O estágio passou por várias etapas, desde reportagens no terreno, através de diretos no Facebook ou na emissão da rádio, edição de programas, publicação de notícias no site oficial e episódios no podcast.

As tarefas no estágio variavam consoante os dias. Se houvesse um evento de grande relevância, com a presença do Presidente da Câmara Municipal do Porto, por exemplo, era sempre uma prioridade. Considerando que a Rádio Metropolitana Porto cobre a Área Metropolitana do Porto e o Porto é a cidade com mais habitantes da área, as notícias sobre a cidade invicta ou sobre o Presidente eram sempre as mais relevantes e com mais repercussão. Além disso, eram também prioridade os eventos ou seminários culturais, visto que Cultura e Artes foi a editoria à qual dediquei mais trabalhos.

Nos eventos em que marquei presença, o grande objetivo era sempre recolher o máximo de informação e fazer entrevistas. Alguns desses eventos foram a reinauguração do Mercado do Bolhão, o evento “Há Fado na Freguesia”, o concerto de Paulo de Carvalho no Coliseu do Porto Ageas, o Circo de Natal no Coliseu do Porto Ageas, entre outros. Para este efeito, gravava áudios, tirava fotografias, vídeos e apontamentos. Nem sempre era possível entrevistar, mas levava sempre um guião de entrevista preparado. Quando ocorriam, as entrevistas aconteciam no momento, com outros órgãos de comunicação social também ou então eram previamente combinadas.

Tentava sempre entrevistar pelo menos 3 pessoas, de modo a deixar a reportagem mais apelativa ao público. Além de ser benéfico em termos de informação e deixar a trabalho mais completo, os diferentes tons de voz e formas de falar deixam também mais interessante o conteúdo, menos monótono. A par disto, procurava utilizar sempre sons característicos, que conduzissem o ouvinte ao local. Em determinadas reportagens

existia a dificuldade em escolher a música indicada, porque devia ser adequada, mas não demasiado sugestiva ou que demonstrasse alguma opinião. Por exemplo, na reinauguração do Mercado do Bolhão utilizei o instrumental da música “Porto Sentido” de Rui Veloso, nas reportagens sobre Paulo de Carvalho coloquei o instrumental de músicas do cantor, sobre o Circo do Coliseu do Porto Ageas e o Super Circo em Gondomar utilizei música circense. O propósito da música era sempre transportar o ouvinte para o sítio da reportagem, de modo a auxiliar na imagem mental, criada pelas reportagens radiofónicas e ajudar a perceber melhor o ambiente. Ao gravar os áudios ia também pensando de que forma iria combiná-los.

Algumas reportagens no terreno foram realizadas individualmente, outras foram executadas com o auxílio do locutor Eduardo Coelho ou das estagiárias Érica Torre e Vitória Araújo, que gravavam os diretos enquanto reportava e entrevistava.

A edição das minhas reportagens foi realizada através do programa Audacity e todas duraram entre 1 minuto e 29 segundos e 5 minutos e 20 segundos. Esta duração era pensada de modo a manter sempre a atenção do ouvinte. Estas reportagens foram essenciais para desenvolver a minha capacidade descritiva, pois apesar de também realizar conteúdos de notícias textuais e visuais, o meu grande foco foram sempre as reportagens radiofónicas, de modo a tentar obter o máximo possível da experiência duma rádio tradicional.

A edição de programas foi importante para perceber o que se deve filtrar e o que se deve dar destaque, no caso das entrevistas, por exemplo. Ou seja, além de editar as minhas reportagens, editava também programas feitos pelos locutores da Rádio. Depois de ouvir a gravação do programa inteiro, geralmente de 2 horas ou no caso do SabaRádio de 4 horas, o objetivo era deixar as informações mais importantes, retirar os erros e repetições de ideias, momentos de silêncio, as músicas e destacar, por exemplo, uma determinada entrevista que tivesse sido realizada.

Na edição dos episódios de programas como Sobremesa Musical ou SabaRádio, no início e no final continha sempre o “jingle” da rádio, que, neste caso dizia “Metropolitana, novo conceito de rádio online”, pela voz de Manuel Monteiro, acompanhada dum instrumental.

A pedido do Diretor Geral, sempre que ia em reportagem e houvesse as condições necessárias, era importante entrar em direto para o Facebook. Porém, isto nem sempre era possível, porque muitas vezes eram locais com ruído e mesmo tendo o microfone da Rádio, o áudio não ficava com a melhor qualidade ou o simples facto de o espaço não ter ligação à internet.

A grande importância para o Diretor Geral da Rádio ao fazer os diretos era mostrar efetivamente a presença da Rádio no local, mostrar o microfone com o logótipo e desta forma, publicitar a Rádio e dar a conhecer quem são fisicamente as “vozes” que costumam estar presentes nas emissões, “ao fazeres um direto, num determinado local, sabes que vais criar interesse nas pessoas e essa curiosidade reverte em visualizações e nós também temos interesse nisso. É claro que, quão melhor complementares o vídeo, melhor é. Se tu apareceres no vídeo, com microfone, já estás a dar outro interesse. Agora, se aparecer, por exemplo, um senhor ali ao fundo a cantar e tu estás a filmar, as pessoas pensam «é só mais um» e desligam”, segundo Ângelo Monteiro.

Não acredita que estes diretos venham a alterar algum dia o conceito da rádio mais tradicional, respondendo a essa questão, repetindo a frase “não, de todo”. Isto porque, acredita que todas as plataformas se complementam e que nenhuma retira o lugar a outra ou se sobrepõe.

Para além dos diretos para este meio, realizei também algumas emissões em direto no programa Sobremesa Musical ou SabaRádio, acompanhada por Manuel Monteiro. Deslocávamo-nos ao evento, era realizada uma chamada telefónica com quem se encontrava no estúdio, Eduardo Coelho ou Ângelo Monteiro, que faziam a ligação e transmitiam a emissão dessa forma, ligando o telemóvel ao sistema.

Também as notícias do site eram importantes para o Diretor Geral, devido à preocupação da constante atualização. No meio das três plataformas, o podcast não era tão priorizado.

Relativamente à linguagem, as notícias são redigidas de diferentes formas, tendo em conta o meio para o qual são escritas.

Nas reportagens sonoras, o objetivo é falar de forma clara, com ênfase nas palavras-chave e o texto deve ter frases curtas, simples e incluir vários áudios do local da

reportagem e música de fundo adequada, de modo a captar da melhor forma a atenção do ouvinte.

Sempre que ia a um local era necessário tirar fotografias, para que uma delas fosse a “capa” da notícia no site, ou seja, fez com que pudesse também desenvolver algumas capacidades a nível do fotojornalismo, com dois exemplos no anexo 3 (figuras 3 e 4). No entanto, era suposto que as notícias do site fossem sempre curtas, por norma três parágrafos, tirando as reportagens que realizei, onde já tinha espaço para desenvolver muito mais. Nesse caso eram longas, com várias citações em destaque e vários entrevistados.

Além disso, não era suposto utilizar mais elementos multimédia para além da fotografia da notícia, o que inclui áudios, imagens, vídeos ou infografia. O propósito era ser simples. Ou seja, as potencialidades da internet acabam por ser colocadas um pouco de parte, não são aproveitadas como poderiam ser. Contudo, o objetivo era precisamente que fossem notícias de consumo quase “imediato”, levando em consideração a grande quantidade de informação e o tempo que as pessoas atualmente despendem a lê-las. Isto parte da consciência de que, as pessoas só vão ler uma grande notícia se de facto tiverem interesse no tema, daí também, vem obviamente, a ideia do esquema em pirâmide na execução das notícias.

No caso dos diretos do Facebook, ocorriam entrevistas, onde o objetivo era aparecer o entrevistado, o local onde estava a ser transmitida a gravação e colocar questões relativas ao tema. O nervosismo nesses casos era maior, devido ao receio de ocorrer algum erro.

Quando saía em reportagem tinha de pensar sempre nas três plataformas. Gravar áudios, para a reportagem radiofónica, tirar fotografias para a reportagem no site e verificar se existiam condições para a realização dum direto para a emissão ou para o Facebook. Trabalhar com estes três meios fez com que tivesse de me adaptar a cada um deles e perceber melhor, de forma prática, as diferenças entre cada um.

6.1. Alguns exemplos no terreno

Todas as reportagens abordadas neste subcapítulo estão presentes no apêndice

1. Algumas das experiências mais marcantes foram a reinauguração do Mercado do

Bolhão, por ter sido nas primeiras semanas do estágio e ser um evento com grande cobertura mediática. Foi possível perceber a competição entre os vários órgãos de comunicação social para obter respostas de Rui Moreira, Presidente da Câmara Municipal do Porto. Para construir uma reportagem radiofónica completa desse dia entrevistei, exclusivamente, Nuno Valentim, um dos arquitetos responsáveis pelo projeto, Bruna Silva, uma comerciante do Mercado e Teresa, uma cliente habitual, que depois deu também origem a uma reportagem para o site. A reportagem radiofónica passou na emissão do Sobremesa Musical e ocorreram ainda diretos no Facebook das entrevistas realizadas que ficaram online no período de 30 dias.

A conferência de imprensa do Circo no Coliseu do Porto Ageas foi também um evento que contou com a presença de vários órgãos de comunicação social. Ocorreram diretos no Facebook, que continuam disponíveis, com entrevistas a Rui Paixão, responsável pela direção artística e a Mónica Guerreiro, Presidente da Direção do Coliseu do Porto Ageas.

O evento “Há Fado na Freguesia” também merece um lugar a destacar, porque fui sempre acompanhando, na companhia de Manuel Monteiro, o Diretor Executivo da Rádio, onde fazíamos emissões em direto, para o programa Sobremesa Musical, que eram transmitidas pelo telemóvel através duma chamada com Eduardo Coelho, que se encontrava no estúdio. O evento, organizado pelo músico José Flávio Martins, acompanhado por Francisco Seabra e Carlos Coelho, tinha como meta percorrer 6 freguesias, Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória. O objetivo era levar o fado a pessoas com dificuldades a nível de mobilidade ou condições financeiras desfavoráveis e, sobretudo, levar alegria. Ao longo das várias vezes que acompanhei o “Há Fado na Freguesia”, na primeira e segunda voltas, entrevistei os músicos do evento, convidados e responsáveis pelo local, que podiam ser donos de um café, por exemplo.

A comemoração dos 25 anos da Casa do Alto, em Pedrouços deu também origem a uma reportagem radiofónica, disponível no podcast e uma reportagem no site. Foi uma das reportagens que me desloquei ao local sozinha e consegui entrevistar as pessoas envolvidas, como Hernâni Ribeiro, Vereador do Pelouro da Juventude e Isabel Carvalho, Presidente da Junta de Freguesia de Pedrouços.

A cerimónia da evolução do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto para Regimento de Sapadores Bombeiros do Porto, no Quartel de Bombeiros, na Rua da Constituição no Porto foi também relevante, pela dimensão da cerimónia, que teve direito ao discurso de Rui Moreira, Presidente da Câmara Municipal do Porto, o Comandante, Tenente-coronel Carlos Marques e Ministro da Administração Interna, José Luís Carneiro. Além dos diretos no Facebook, onde é possível ouvir e ver partes da cerimónia, o evento deu origem a uma reportagem radiofónica e outra no site, que conta também com uma entrevista a Carlos Marques.

Outra experiência relevante foi poder entrevistar o cantor Paulo de Carvalho, no início do estágio. Decorreu um direto no Facebook da entrevista feita por Manuel Monteiro e, no final, com a gravação do áudio, tive a oportunidade de colocar questões também, para depois utilizar na reportagem. Desse momento e do concerto que decorreu no mesmo dia, foram realizadas uma reportagem para o site, sobre a entrevista e passaram duas reportagens radiofónicas na emissão em direto, ficando disponível no podcast a reportagem sobre o concerto e ainda o direto da entrevista no Facebook, já anteriormente referida.

Por fim, acredito que outra experiência no terreno a destacar seja uma a reabilitação duma casa em Ramalde, do Projeto Porto Amigo, por toda a carga solidária que o evento teve. Contou também com a presença de vários órgãos de comunicação social. Os entrevistados foram Rui Moreira, Presidente da Câmara Municipal do Porto, o vereador da Educação e Coesão Social, Fernando Paulo, gestor de operações do Porto da associação Just a Change, Eduardo Lopes e o morador da casa, António Dinis. Esta atividade resultou numa reportagem radiofónica e outra no site.

Além destas experiências no terreno, estão referidas mais algumas no apêndice 1, como: Evento “Há Música ao Fundo do Túnel”; Apresentação da Programação do “Porto Post Doc”; Inauguração do Mercado de Natal da Maia e Iluminação da Praça Doutor José Vieira de Carvalho; Apresentação do Festival de Teatro José Guimarães em Gaia; Passeio Sénior de Santa Marinha e São Pedro da Afurada à Quinta da Malafaia; Celebração do encerramento dos projetos Matosinhos À Volta da Mesa e Conservar Afetos Femininos em Leça do Balio; Seminário SER SEM sobre pessoas em situação de sem-abrigo em Vila Nova de Gaia, entre outros.

VII. Questão de Investigação e Hipóteses

Partindo da questão de investigação “Será que as rádios online vêm alterar o conceito de rádio?”, foram formuladas três hipóteses:

H1: Atualmente, as rádios online dão mais importância ao texto do que ao som.

H2: A imagem é menos priorizada em relação à comunicação textual.

H3: As rádios online continuam a dar a mesma importância ao som e a utilizá-lo com maior frequência perante os outros recursos.

VIII. Análise e Discussão de Resultados

Para responder à questão de investigação “Será que as rádios online vêm alterar o conceito de rádio?”, será feita uma análise de cariz quantitativo e qualitativo às publicações do mês de novembro de 2022, da Rádio Metropolitana Porto, altura em que o estágio ainda se encontrava em desenvolvimento.

As plataformas escolhidas para a recolha de informação foram o site, o Facebook e o podcast da Rádio Metropolitana Porto.

A seleção destes três meios passou por serem plataformas diferentes, onde se podem desenvolver trabalhos jornalísticos com diversos objetivos e formatos e também por se encontrarem todos disponíveis online. Ao contrário do que passa em direto na emissão da rádio, que é guardado em arquivos do estúdio durante breves dias e de seguida é eliminado. Os momentos (sonoros) mais relevantes são colocados no podcast. No Facebook e no site também não é “necessário” guardar, sendo digital, a informação está sempre lá. Contudo, logo aí é possível ver uma discrepância, dado que a informação emitida em direto acaba sempre por ser eliminada, apenas alguns episódios de programas ficam gravados no podcast.

Dentro disto, será considerada a quantidade total e a quantidade diária de notícias publicadas no site, de publicações no Facebook e o número de episódios presentes no podcast Rádio Metropolitana Porto desse mês. Será ainda tido em conta um dia em específico, para analisar, dentro das publicações das três plataformas, quantas representam conteúdo noticioso, as editorias presentes e a interatividade do público, de modo também a perceber a preferência deste.

8.1. Análise Diária

Na tabela sobre a quantidade de publicações diárias, visível no anexo 4 (tabela 1) foram contabilizadas as publicações diárias durante os 30 dias de novembro de 2022, no site foram consideradas todas as editorias, no Facebook todas as publicações e no podcast foram contabilizados todos os episódios dos programas que o podcast da Rádio contém.

O local com maior número de publicações diárias é o Facebook, seguindo-se do site e por fim o podcast.

No Facebook, ao analisar o mês de novembro de 2022 em concreto é possível perceber que a média de publicações diárias é de 23,1%, incluindo a partilha de notícias, sobre a programação ou quem vai ser o convidado em determinado programa, parcerias e divulgação de eventos para publicidade, entre outros. Relativamente à moda, existe um conjunto de dados bimodal, existindo dois casos de valores mais frequentes. Durante esse mês ocorreram cinco vezes 20 publicações (do dia 19 ao dia 23) e cinco vezes 26 publicações (dias 1, 4, 8, 24 e 29). Neste caso, o dia com menos publicações foi o dia 13, com 11 publicações e o dia com mais publicações foi o dia 30, com 35 publicações. No dia 30 o elevado número de publicações está também em grande parte associado à chegada do mês de dezembro, época natalícia. Levando em consideração que a RMP organizou uma festa de Natal, muitas das publicações são a fazer o convite aos ouvintes e a anunciar os artistas que estariam presentes. Dos 30 dias, apenas 4 deles não chegam às 20 publicações, dia 3 (19), dia 13 (11), dia 17 (18) e dia 27 (17).

Em relação ao site, a média diária é de 8,2%, com notícias ou reportagens sobre as diferentes editorias. A moda neste caso é também bimodal. Existindo dois números que foram mais vezes repetidos. Ocorreram em nove dias, nove publicações: dias 1, 4, 8, 13, 17, 22, 24, 26 e 28. Em nove dias também, ocorreram oito publicações: dias 9, 10, 15, 19, 21, 25, 27, 29 e 30. O dia com mais conteúdo, 13 publicações, é o dia 16 e nos dias 2 e 6 ocorreu o menor número, com apenas 6 publicações.

Relativamente ao podcast, é possível observar que é a plataforma com menos episódios e menos consistência. A média diária é de 1,03%, com reportagens e entrevistas. Sendo que existem 16 dias, ou seja, mais de metade, em que não existe sequer uma única publicação. A moda é, por isso, 0. Apresenta-se este valor nos dias 1, 5, 6, 9, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 28 e 29. O dia com mais publicações é o dia 15 de novembro, com nove episódios publicados. Nota-se, por isso, aqui uma falta de “compromisso” diário, isto é, vão existindo algumas publicações, mas não é algo primordial. Ao passo que, nas outras plataformas, mesmo havendo dias em que existem menos publicações, o cenário nunca é de 0 publicações nem perto disso.

A comunicação somente em áudio acaba por ficar, por isso, um pouco de parte, comparando com os números tanto do Facebook como do site. Tendo isto em vista, faria sentido considerar que a grande prioridade da Rádio Metropolitana Porto é o Facebook, porque além de ter um maior número de publicações no geral, tem um maior número de publicações diárias, conteúdos feitos exclusivamente para esta plataforma, como os diretos, algumas notícias, a publicitação de eventos e programas da rádio, partilha de notícias e de episódios do podcast. No entanto, é necessário analisar os elementos noticiosos e perceber se continua a ser o meio mais utilizado.

8.2. Análise do Conteúdo

Na tabela 2, visível no anexo 4, é possível observar que em novembro foram publicados ao todo 31 episódios no podcast da Rádio Metropolitana Porto. Sendo 14 no programa Reportagem, 9 no SabaRádio, 6 no Sobremesa Musical, 1 no “Reflexões”, 1 no Raízes da Nossa Terra e 0 no Sou Brasil, no Educ’Arte e no Encontro Com Artes. Ou seja, é possível perceber que há programas que a Rádio Metropolitana Porto pretende destacar, como é o caso do SabaRádio e do Sobremesa Musical. Curiosamente, estes são também dois dos programas que ocorrem sempre em direto e dos que têm mais audiências. Sendo “Reportagem” uma criação minha, significa que, sem este programa, seriam apenas 17 os episódios partilhados nesse mês. Dos 31 episódios, somam-se, por isso, 14 reportagens e 17 entrevistas.

No mês de novembro foram partilhadas no Facebook 693 publicações, das quais 242 são notícias ou partilha de notícias e 25 vídeos, que se dividem em entrevistas e reportagens. Na tabela não foram contabilizados, de modo a atribuir apenas um elemento a cada publicação. Ou seja, somando estes dois números, dá um total de 267 elementos informativos, representando apenas 38,5% do total. O que significa que 426 publicações desse mês, mais de metade (61,5%), são de autopromoção, programação ou outro tipo (Outro Conteúdo).

No site, contabilizando as notícias escritas, foram publicados 247 elementos noticiosos, dos quais 4 são reportagens, realizadas por mim e 243 notícias.

Considerando o total de publicações em cada um dos meios, é possível perceber que existe uma grande disparidade entre eles. Existe uma clara preferência pelo Facebook, em seguida pelo site e por último o podcast. Ou seja, o som neste caso não está a ser priorizado. No entanto, o número de vídeos no Facebook nesse mês equivale apenas a 25 das 693 publicações. Por isso, é possível perceber que não é necessariamente a imagem que é priorizada, mas a rede social em si. Das 693 publicações, “somente” 242 equivalem a notícias e partilha de notícias, originalmente feitas para o site ou para o podcast. Os 25 vídeos representam apenas 3,6% do conteúdo total. Dentro destes, 10 são a anunciar artistas que iriam marcar presença na festa de Natal da RMP, 13 de reportagens e 2 de entrevistas. Ou seja, mesmo dentro dos vídeos, apenas 15 representam a informação.

Comparando ao site, o site colocou apenas 4 reportagens, mas colocou uma notícia a mais, fazendo um total de 243 notícias. Contudo, 100% do conteúdo são elementos noticiosos, porque se dividem somente em reportagens e notícias.

No podcast, o cenário é o mesmo. Com apenas 31 episódios publicados no mês de novembro, dividem-se apenas em notícias e entrevistas.

8.3. Análise a um dia específico

Se formos a avaliar um dia em concreto, por exemplo, dia 16 de novembro, onde existiram publicações nos três meios, é mais fácil perceber a prioridade.

Das 28 publicações do Facebook nesse dia (gráfico 1), 1 delas foi um link sobre títulos de jornais do dia (Notícias Generalistas), como é costume ser publicado pela Rádio ao início do dia no Facebook. 11 das partilhas são relacionadas com a programação da Rádio (Programação). 2 publicações são de publicidade (Publicidade) e 1 de autopromoção da Rádio (Autopromoção), neste caso um pequeno texto simplesmente a indicar a presença da Rádio num evento. Ou seja, somando estes números, é possível chegar a um total de 15 publicações que não dizem respeito a conteúdo noticioso feito pela RMP. Foram 7 as notícias feitas exclusivamente para o Facebook (Notícias RMP). Além disso, 5 partilhas de notícias feitas originalmente no site e uma partilha de um episódio no podcast. Somando estes números, dá um total de 13 publicações em relação à informação (Notícias RMP).



Gráfico 1- Classificação de Publicações no dia 16 de novembro no Facebook

A nível de interatividade, que é uma característica que definitivamente afasta a rádio online do conceito original de rádio, é possível comentar as notícias do Facebook, do site e do podcast. Isto aproxima o meio das audiências e faz com que se consiga perceber melhor as preferências do público. Neste caso, no Facebook, somando o total de likes e reações (com emojis) às publicações realizadas ao longo do dia, é possível contar com 348. No que diz respeito a comentários, ao longo do dia somaram-se 26 comentários. Além disto, a nível de partilhas ocorreram 50.

No podcast, os 2 episódios publicados nesse mesmo dia ocorreram no programa SabaRádio e foram ambos entrevistas, uma a António Domingues, um repórter de Canelas e outra a Joaquim Ferreira Leite, o Diretor do Jornal Audiência. Ou seja, ambas ligadas à comunicação. Não existiram likes nem comentários nos episódios. Para o podcast não foi realizado nenhum gráfico devido ao facto de a amostra ser pequena.

No site foram publicadas 13 notícias (gráfico 2). As editorias privilegiadas foram Área Metropolitana do Porto (10), Atualidade (3), Nacional (1), Meteorologia (1), Cultura e Artes (1), Desporto (1) e Política (1). Isto tendo em conta que, em cada notícia podem ser adicionadas várias editorias. Não ocorreram comentários nesse dia. Mesmo ao longo do estágio, no site era bastante raro obter repercussão por parte do público, durante esse período apareceram apenas 2 comentários, um no dia 19 de setembro e outro no dia 23 de dezembro de 2022.



Gráfico 2- Distribuição de editorias no dia 16 de novembro no site

O conceito da interatividade explica o facto de o número de publicações do Facebook ser tão grande, visto que, no exemplo deste dia em concreto, o único sítio onde ocorreu interação foi o Facebook. Tal como Ângelo Monteiro indica, “tem tudo a ver com o público-alvo”. Por outras palavras, ao notar esta preferência, procuram que seja o local onde se publica mais, o que não quer dizer, como já analisado que seja o local com mais informação.

Para evidenciar mais que o Facebook de facto não prioriza o conteúdo noticioso, foi analisado também o dia 13 nesta plataforma. Ocorreram 11 publicações e podemos perceber que, ainda assim, 9 são sobre a programação e 1 é de autopromoção. Existe apenas uma notícia nesse dia, feita para o Facebook. Por outras palavras, existe efetivamente um “compromisso” diário de publicações, mas o compromisso mais importante, dentro das publicações da rede social concretamente é o de publicitar a Rádio. Neste dia é notório um grande declínio na interatividade comparando com dia 16. Ocorreram apenas 36 likes e reações, 2 comentários e 35 partilhas. De acordo com o Diretor Geral da RMP, o facto de publicar mais tem repercussão na interatividade com o público e neste caso é notório.

É possível concluir, deste modo, que, considerando a quantidade de publicações e a “obrigatoriedade” de publicações destaca-se o Facebook. No entanto, se formos a ter em conta o número de publicações e, dentro destas, quantas delas representam a informação, podemos perceber que a plataforma que se destaca é efetivamente o site.

Isto porque, apesar dos episódios do podcast representarem também a 100% a informação, dividindo-se entre reportagens e entrevistas, existem vários dias no mês de novembro onde não existe uma única publicação. Deste modo, é possível perceber que a comunicação sonora foi colocada de parte pela Rádio e também pelo público, que não interage através de comentários ou likes na plataforma. Resumidamente, o Facebook tem mais publicações e mais repercussão do público, mas a nível noticioso o site conta também com várias publicações, uma consistência diária e sempre com notícias e reportagens, de diferentes editorias.

Assim, refuta-se a hipótese 3, “As rádios online continuam a dar a mesma importância ao som e a utilizá-lo com maior frequência perante os outros recursos”, porque, no caso da RMP, é perceptível que a comunicação exclusivamente sonora não é uma preferência. Caso contrário, seria realizada uma maior ‘aposta’ naquela que é a plataforma que dá a oportunidade de manter o conteúdo que passou em direto na emissão, disponível para todos, no podcast. Além de existir pouco conteúdo no podcast, existe também falta de consistência nas publicações.

Aprova-se, desta forma, as hipóteses 1 “Atualmente, as rádios online dão mais importância ao texto do que ao som” e 2 “A imagem é menos priorizada em relação à comunicação textual”. Isto porque, existe uma maior quantidade e consistência de publicações no site do que no podcast. Relativamente à segunda hipótese, é possível constatar que é também verdadeira, dado que, apesar de o Facebook ter, no geral e diariamente, mais publicações, contabilizando o fator que o diferencia, a imagem (no caso, os vídeos), é possível perceber que foram apenas 25 vídeos publicados no mês analisado e, relativamente à informação, o total é de 15 vídeos. Ao passo que, as notícias no site têm um caso bimodal de 8 e 9 publicações, o que demonstra consistência e atualização, é 100% conteúdo noticioso e de variadas editorias.

Conclusão

Através da elaboração do presente relatório foi possível perceber a evolução da rádio enquanto meio tecnológico e enquanto meio de comunicação. A internet trouxe novos complementos à rádio tradicional, como o texto e a imagem. Além disso, a interatividade é também muito mais evidente agora, visível através da possibilidade e facilidade com que o público pode enviar um email, uma mensagem privada ou comentar um vídeo, de determinada rádio. O contacto e o feedback são mais imediatos. A par disto, o ouvinte tem muito mais ‘controlo’ sobre aquilo que quer e quando quer ouvir, ler ou ver. Existe maior seletividade e desta forma a audiência passou também duma audiência passiva a uma audiência ativa.

Para vários autores esta mudança a nível de processos de produção, emissão, receção e adição de elementos multimédia vem alterar a natureza da rádio e muitos receavam até o seu desaparecimento enquanto meio de comunicação sonora. Porém, a presença da rádio na internet trouxe também algumas vantagens incontestáveis, como o facto de poder ser escutada em todo o mundo, eliminando as fronteiras duma rádio FM. A par disso, o facto de poder voltar a ouvir algo que passou em direto parece ser também positivo.

Sendo o estágio realizado numa rádio online foi importante aprender, de forma prática, a escrever para as diferentes plataformas. Deste modo, obtive a experiência da rádio mais tradicional, através das emissões em direto, mas também daquilo que a digitalização trouxe à ‘nova rádio’, como os diretos no Facebook e as notícias textuais no site.

Concluiu-se que a Rádio Metropolitana Porto privilegia a rede social Facebook, em termos de quantidade de publicações e que também o público tem uma preferência por esta rede, analisando em concreto a interatividade. Todavia, no que diz respeito à informação, o site é 100% dedicado a notícias e reportagens, com uma maior consistência, existindo também uma quantidade considerável de notícias diárias de diversas editorias. Em suma, o texto (no site) é a principal ferramenta utilizada por esta rádio para noticiar e o Facebook, apesar de ter a componente da imagem, não está a ser devidamente aproveitada, o mesmo se passa com o som, no podcast.

Referências Bibliográficas

- Bastos, H., Zamith, F., Reis, A. I., & Jerónimo, P. (2013). Convergência jornalística nos média em Portugal: Um estudo exploratório. *Livro de Atas do III COBCIBER*.
- Bonixe, L. (2006). As rádios locais em Portugal: uma análise do discurso jornalístico. *Comunicação & Cultura*, (1), 157-169.
- Bonixe, L. (2008). As notícias dos sites das rádios portuguesas: contributos para a sua compreensão. *Prisma. com*, (7), 275-299.
- Bonixe, L. (2010). A rádio informativa portuguesa na internet: O estado da arte. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 7(2).
- Bonixe, L. (2010). Legalização, concentração e multimédia: os desafios das rádios locais portuguesas. *Rádio-Leituras*, 1(1), 187-202.
- Bonixe, L. (2012). As rádios locais em Portugal – da génese do movimento à legalização. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 9(2), 313-325.
- Bonixe, L. (2019). As rádios locais em Portugal-da génese ao online.
- Brecht, B. (2007). O rádio como aparato de comunicação Discurso sobre a função do rádio. *estudos avançados*, 21, 227-232.
- Cordeiro, P. (2004). A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. www. bocc. ubi. pt*.
- Cordeiro, P. (2004). Rádio e Internet: novas perspectivas para um velho meio. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*.
- Cordeiro, P. (2005). A rádio de modelo multimediático e os jovens: a convergência entre o FM e a Internet nas rádios nacionais. *ACTAS DO SOPCOM, LUSOCOM E IBÉRICO*, 4, 443.
- Crisell, A. (2006). *Understanding radio*. Routledge.
- de Paes Moreira, J. P. (2021). Jornalismo radiofónico cultural na cidade do Porto: O caso da Rádio Nova (Relatório de Estágio).
- Ferraretto, L. A., & Klöckner, L. (2014). Rádio. *Novos horizontes midiáticos*.

Kaplun, M., Meditsch, E., & Betti, J. G. (2021). *Produção de programas de rádio: do roteiro à direção*. Editora Insular.

Meditsch, E. (2001, September). O ensino do radiojornalismo em tempos de internet. In *Congresso Nacional De Comunicação-Intercom (GT Rádio e Mídia Sonora)* (Vol. 24, pp. 1-10).

Oliveira, M., & Prata, N. (2015). Rádio em Portugal e no Brasil: trajetória e cenários.

Pacheco, A. (2010). A estrutura da webrádio. *Biblioteca Online de Ciencias da Comunicação*.

Portela, P. (2011). *Rádio na Internet em Portugal: a abertura à participação num meio em mudança*. Edições Húmus.

Prata, N. (2009). A webrádio em Portugal. *e-Com*, 2(4).

Reis, A. I. C. M. (2009). *O áudio no jornalismo radiofónico na Internet* (Doctoral dissertation, Universidade do Minho (Portugal)).

Reis, A. I. C. M., Ribeiro, F. F., & Portela, P. J. E. F. F. (2014). *Das piratas à Internet: 25 anos de rádios locais*. Universidade do Minho. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS).

Reis, A. I., & Lima, H. (2014). Os Militares da Revolução de abril de 1974 e a Rádio: "Aqui Posto de Comando do MFA". In *Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Comunicação Guerra e Paz*.

Reis, A. I. (2021) A formação e ensino de rádio na década de 80: o contributo das rádios piratas. *Para uma história do jornalismo em Portugal. II*.

Rezola, M. I. (2013). Uma rádio na Revolução. In *Libro de Actas. XIII Congreso Internacional Ibercom* (pp. 3131-3143).

Ribeiro, N. C. (2000). A Rádio Renascença na transição de regime: do 25 de Abril ao 25 de Novembro. *Lusitania sacra*, (12), 267-314.

Rosa, A. M. (2008). A comunicação e o fim das instituições: das origens da imprensa aos novos media.

Santos, R. (2005). Rádio em Portugal: tendências e grupos de comunicação na actualidade. *Comunicação e Sociedade*, 7, 137-152.

Santos, R. (2007). A Rádio em Portugal-Estado da Arte em 2006. *Anuário da Comunicação*, 2006, 220.

Santos, R. (2017). *Estudos da rádio em Portugal*. Universidade católica editora.

Silva, E. C., & Oliveira, M. (2014). A linguagem do local e as rádios piratas: memória do episódio 'Marcianos em Braga'.

Outras referências:

Entrevista exclusiva a Paulo de Carvalho- Rádio Metropolitana Porto (9 de setembro de 2022). Reportagem de Manuel Monteiro e Rui Ferreira. Obtido de <https://www.facebook.com/radiometropolitanaporto/videos/503181481811544>

Anexos

Anexo 1:

Horário Programas RMP							
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
00:00:00	Silence Time	Silence Time	Silence Time	Silence Time	Silence Time	DJ Dural	FlashBack
01:00:00	Silence Time	Silence Time	Silence Time	Silence Time	Silence Time	DJ Dural	Love Songs
02:00:00	Love Songs	Love Songs	Love Songs	Love Songs	Love Songs	Love Songs	Love Songs
03:00:00	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas
04:00:00	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas
05:00:00	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas
06:00:00	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas	Comando das Madrugadas
07:00:00	Manhã da Metropolitana	Manhã da Metropolitana	Manhã da Metropolitana	Manhã da Metropolitana	Manhã da Metropolitana	Sol Nascente	Sol Nascente
08:00:00	Manhã da Metropolitana	Manhã da Metropolitana	Manhã da Metropolitana	Manhã da Metropolitana	Manhã da Metropolitana	Sol Nascente	Sol Nascente
09:00:00	Radar Musical	Radar Musical	Radar Musical	Radar Musical	Radar Musical	Raízes da Nossa Terra	Raízes da Nossa Terra
10:00:00	Italo Franco	Italo Franco	Italo Franco	Italo Franco	Italo Franco	Raízes da Nossa Terra	Raízes da Nossa Terra
11:00:00	Desgarradas	Desgarradas	Desgarradas	Desgarradas	Desgarradas	Encontro com Artes	Ponto de Encontro
12:00:00	Cantinho do Fado	Cantinho do Fado	Cantinho do Fado	Cantinho do Fado	Estação Cultural BR	Cantinho do Andrézinho	Ponto de Encontro
12:07:00	#####	#####	#####	#####	Cantinho do Fado	#####	#####
13:00:00	Cantinho do Fado	Cantinho do Fado	Cantinho do Fado	Cantinho do Fado	Cantinho do Fado	Sou Brasil	Legado em português
14:00:00	Sobremesa Musical	Sobremesa Musical	Sobremesa Musical	Sobremesa Musical	Sobremesa Musical	Sou Brasil	Legado em português
15:00:00	Sobremesa Musical	Sobremesa Musical	Sobremesa Musical	Sobremesa Musical	Sobremesa Musical	SABARÁDIO	Clube Mega Hertz
16:00:00	HORA H	HORA H	HORA H	HORA H	HORA H	SABARÁDIO	Clube Mega Hertz
17:00:00	Alma Lusitana	Hora de Ponta	Puro Extenso	Hora de Ponta	Ponto PT	SABARÁDIO	Top 4.1
18:00:00	AGORA	Hora de Ponta	CONTRABANDISTAS	Hora de Ponta	Cocktail Musical	SABARÁDIO	Top 4.1
19:00:00	AGORA	Hora de Ponta	NAFTALINA	Hora de Ponta	Cocktail Musical	TOP Portugal 12	Casa Portuguesa
20:00:00	Novos Parodiantes	Novos Parodiantes	Novos Parodiantes	Novos Parodiantes	Novos Parodiantes	Duplo Espaço	O Outro Lado do FM
20:20:00	Anoitecendo	Anoitecendo	Anoitecendo	Anoitecendo	Anoitecendo	#####	#####
21:00:00	Hora Castelhana	Canter em Português	A Vida é feita de Nada	Sauf Arte	Palco de Estrelas	Duplo Espaço	O Outro Lado do FM
22:00:00	Oceano Azul	Oceano Azul	Oceano Azul	Oceano Azul	Toque de Emoção	A Arte de Ser Feliz	Última Vaga
22:20:00	#####	#####	#####	#####	#####	Sons de África	#####
23:00:00	Oceano Azul	Oceano Azul	Oceano Azul	Oceano Azul	Toque de Emoção	Sons de África	Última Vaga

Figura 1- Grelha de Programação da RMP durante o período do estágio

Anexo 2:



Figura 2- Página inicial do site da Rádio Metropolitana Porto

Anexo 3:



Figura 3- Evento "Há Fado na Freguesia"

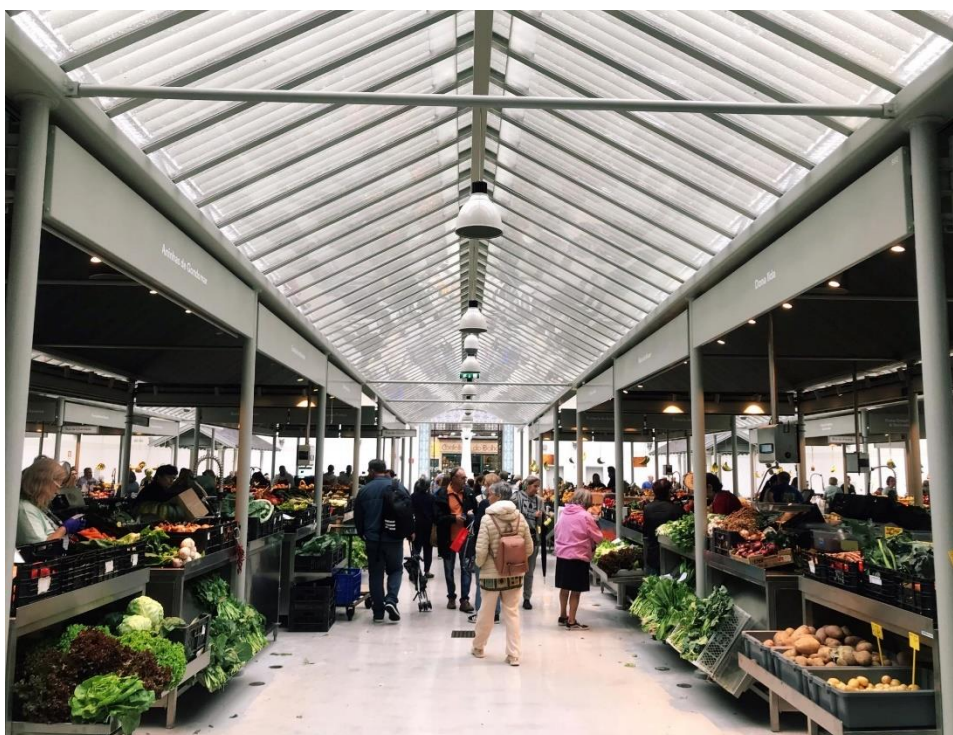


Figura 4- Reinauguração do Mercado do Bolhão

Anexo 4:

Dia	Facebook	Site	Podcast
1	26 publicações	9 publicações	0 episódios
2	24 publicações	6 publicações	2 episódios
3	19 publicações	7 publicações	1 episódio
4	26 publicações	9 publicações	1 episódio
5	27 publicações	7 publicações	0 episódios
6	24 publicações	6 publicações	0 episódios
7	21 publicações	7 publicações	3 episódios
8	26 publicações	9 publicações	2 episódios
9	21 publicações	8 publicações	0 episódios
10	23 publicações	8 publicações	2 episódios
11	29 publicações	7 publicações	1 episódio
12	22 publicações	7 publicações	0 episódios
13	11 publicações	9 publicações	0 episódios
14	22 publicações	10 publicações	0 episódios
15	21 publicações	8 publicações	9 episódios
16	28 publicações	13 publicações	2 episódios
17	18 publicações	9 publicações	1 episódio
18	27 publicações	10 publicações	0 episódios
19	20 publicações	8 publicações	0 episódios
20	20 publicações	7 publicações	0 episódios
21	20 publicações	8 publicações	1 episódio
22	20 publicações	9 publicações	2 episódios
23	20 publicações	7 publicações	0 episódios
24	26 publicações	9 publicações	0 episódios
25	25 publicações	8 publicações	1 episódio
26	25 publicações	9 publicações	0 episódios
27	16 publicações	8 publicações	0 episódios
28	25 publicações	9 publicações	0 episódios
29	26 publicações	8 publicações	0 episódios
30	35 publicações	8 publicações	3 episódios

Tabela 1- Quantidade de publicações diárias em cada plataforma da RMP

Meio	Notícias	Entrevistas	Vídeos	Reportagens	Outro Conteúdo	Total de Publicações
Facebook	242		25		426	693
Site	243	0	(Não se aplica)	4	0	247
Podcast	0	17	(Não se aplica)	14	0	31

Tabela 2- Quantidade e classificação de publicações nos diversos meios utilizados pela Rádio Metropolitana Porto no mês de novembro de 2022

Apêndices

Apêndice 1:

Algumas reportagens desenvolvidas:

Podcast

Oliveira, M. (15 de novembro de 2022). Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto sobe a Regimento. Obtido de https://www.ivoox.com/pt/batalh-o-sapadores-bombeiros-do-porto-sobe-a-audios-mp3_rf_96390129_1.html

Oliveira, M. (15 de novembro de 2022). Evento ‘Há Fado na Freguesia’. Obtido de https://www.ivoox.com/pt/evento-ha-fado-na-freguesia-reportagem-mariana-oliveira-audios-mp3_rf_96388896_1.html

Oliveira, M. (15 de novembro de 2022). 2ª volta do evento ‘Há Fado na Freguesia’. Obtido de https://www.ivoox.com/pt/2-volta-do-evento-ha-fado-na-freguesia-audios-mp3_rf_96391167_1.html

Oliveira, M. (15 de novembro de 2022). Concerto de Paulo de Carvalho no Coliseu do Porto Ageas. Obtido de https://www.ivoox.com/pt/concerto-paulo-carvalho-no-coliseu-porto-audios-mp3_rf_96389472_1.html

Oliveira, M. (15 de novembro de 2022). Casa Reabilitada em Ramalde no programa Porto Amigo. Obtido de https://www.ivoox.com/pt/casa-reabilitada-em-ramalde-no-programa-porto-amigo-audios-mp3_rf_96406493_1.html

Oliveira, M. (15 de novembro de 2022). 100ª emissão do programa SabaRádio da RMP. Obtido de https://www.ivoox.com/pt/100-emiss-o-do-programa-sabaradio-da-rmp-reportagem-audios-mp3_rf_96390514_1.html

Oliveira, M. (15 de novembro de 2022). Evento “Há Música ao Fundo do Túnel”. Obtido de https://www.ivoox.com/pt/evento-ha-musica-ao-fundo-do-tunel-reportagem-audios-mp3_rf_96393841_1.html

Oliveira, M. (15 de novembro de 2022). Divulgação da Programação do “Porto Post Doc”. Obtido de https://www.ivoox.com/pt/divulgac-o-da-programac-o-do-porto-post-doc-reportagem-audios-mp3_rf_96406072_1.html

Oliveira, M. (25 de novembro de 2022). 25 anos da Casa do Alto. Obtido de https://www.ivoox.com/pt/25-anos-da-casa-do-alto-reportagem-mariana-audios-mp3_rf_97005360_1.html

Oliveira, M. (2 de dezembro de 2022). Inauguração do Mercado de Natal da Maia e Iluminação da Praça Doutor José Vieira de Carvalho. Obtido de https://www.ivoox.com/pt/inaugurac-o-do-mercado-natal-da-maia-e-audios-mp3_rf_97490640_1.html

Oliveira, M. (9 de dezembro de 2022). Circo no Coliseu Porto Ageas. Rádio Metropolitana Porto. Obtido de https://www.ivoox.com/pt/circo-no-coliseu-porto-ageas-reportagem-mariana-oliveira-audios-mp3_rf_98835288_1.html

Site

Oliveira, M. (7 de setembro de 2022). Festival de Teatro José Guimarães regressa dia 17 de setembro em Gaia. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/festival-de-teatro-jose-guimaraes-regressa-dia-17-de-setembro-em-gaia/>

Oliveira, M. (9 de setembro de 2022). Paulo de Carvalho: “A minha grande preocupação foi sempre a música e não a carreira”. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/paulo-de-carvalho-a-minha-grande-preocupacao-foi-sempre-a-musica-e-nao-a-carreira/>

Oliveira, M. (13 de setembro de 2022). Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto sobe a Regimento. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/batalhao-de-sapadores-bombeiros-do-porto-sobe-a-regimento/>

Oliveira, M. (14 de setembro de 2022). “Há Fado na Freguesia” no Centro de Convívio de Reformados do Porto. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/ha-fado-na-freguesia-no-centro-de-convivio-de-reformados-do-porto/>

Oliveira, M. (15 de setembro de 2022). Reabertura do Mercado do Bolhão: Rui Moreira tocou o sino às 8 horas. Rádio Metropolitana Porto. Obtido de

<https://radiometropolitanaporto.pt/reabertura-do-mercado-do-bolhao-rui-moreira-tocou-o-sino-as-8-horas/>

Oliveira, M. (24 de setembro de 2022). Evento “Há Fado na Freguesia” desta vez dedicado aos turistas do Porto. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/evento-ha-fado-na-freguesia-desta-vez-dedicado-aos-turistas/>

Oliveira, M. (24 de setembro de 2022). Passeio Sénior de Santa Marinha e São Pedro da Afurada à Quinta da Malafaia volta a acontecer passados dois anos. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/passeio-senior-de-santa-marinha-e-sao-pedro-da-afurada-a-quinta-da-malafaia-volta-a-acontecer-passados-dois-anos/>

Oliveira, M. (27 de setembro de 2022). Celebração do encerramento dos projetos Matosinhos À Volta da Mesa e Conservar Afetos Femininos em Leça do Balio. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/celebracao-do-encerramento-dos-projetos-matosinhos-a-volta-da-mesa-e-conservar-afetos-femininos-em-matosinhos/>

Oliveira, M. (11 de novembro de 2022). Rui Moreira visita casa reabilitada em Ramalde no programa Porto Amigo. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/rui-moreira-visita-casa-reabilitada-em-ramalde-no-programa-porto-amigo/>

Oliveira, M. (21 de novembro de 2022). Seminário SER SEM sobre pessoas em situação de sem-abrigo em Vila Nova de Gaia. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/seminario-ser-sem-sobre-pessoas-em-situacao-de-sem-abrigo-em-vila-nova-de-gaia/>

Oliveira, M. (25 de novembro de 2022). Maia: Casa do Alto completou 25 anos de atividade. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/maia-casa-do-alto-completou-25-anos-de-atividade/>

Oliveira, M. (30 de novembro de 2022). Super Circo inicia hoje em Gondomar. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/super-circo-inicia-hoje-em-gondomar/>

Oliveira, M. (6 de dezembro de 2022). Dia Internacional Celebrado em Vila Nova de Gaia. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/dia-internacional-do-voluntariado-celebrado-em-vila-nova-de-gaia/>

Oliveira, M. (12 de dezembro de 2022). Já começou o Circo do Coliseu do Porto Ageas. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/ja-comecou-o-circo-do-coliseu-porto-ageas/>

Oliveira, M. (23 de dezembro de 2022). Gaia: Construção do Pavilhão Multiusos dos Arcos do Sardão já pode avançar. Obtido de <https://radiometropolitanaporto.pt/gaia-construcao-do-pavilhao-multiusos-dos-arcos-do-sardao-ja-pode-avancar/>

Facebook

Apresentação do Festival José Guimarães, na Tuna Musical de Santa Marinha, em Vila Nova de Gaia (6 de setembro de 2022). Reportagem de Rui Ferreira e Mariana Oliveira. Obtido de https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=485095789789397

Evento “Há Fado na Freguesia” (7 de setembro de 2022). Reportagem de Mariana Oliveira e Manuel Monteiro. Obtido de <https://www.facebook.com/radiometropolitanaporto/videos/620753912945318>

Reinauguração do Mercado do Bolhão (15 de setembro de 2022). Reportagem de Mariana Oliveira e Eduardo Coelho. Obtido de https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=440657954712928

Cerimónia de oficialização da nova designação do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto (12 de outubro de 2022). Reportagem de Eduardo Coelho e Mariana Oliveira. Obtido de <https://www.facebook.com/radiometropolitanaporto/videos/812325539812389>

Entrevista a Rui Paixão (9 de dezembro de 2022). Reportagem de Mariana Oliveira, Érica Torre e Vitória Araújo. Obtido de <https://www.facebook.com/watch/?v=1757565837945065>

Entrevista a Mónica Guerreiro (12 de dezembro de 2022). Reportagem de Mariana Oliveira, Érica Torre e Vitória Araújo. Obtido de <https://www.facebook.com/watch/?v=1276771412883784>

Apêndice 2

Entrevista a Ângelo Monteiro: Diretor Geral da Rádio Metropolitana Porto

3 de maio de 2023

Que profissão exerce neste momento, para além da rádio?

Neste momento a minha dedicação, a minha atividade é rádio.

Já teve, para além da rádio, outras profissões?

Sim, já tive, mas a essência é relacionada com a área da comunicação. Já trabalhei noutros locais, é verdade. Agora é 100% dedicado à Rádio Metropolitana Porto.

Como surgiu a Rádio Metropolitana Porto?

A Rádio Metropolitana Porto tem 6 anos. Nasce da vontade de um grupo de quatro pessoas, eu fui convidado por um nome bem conhecido na área da locução aqui no Grande Porto, que tem mais de 50 anos de carreira na área da rádio, pelo Manuel Monteiro. Ele é que me lançou o desafio para fazermos uma rádio. Quis o destino que nos cruzássemos num outro projeto de rádio, que não surtiu efeito e numa altura em que toda a gente se preparava para ir um para cada canto, o Manuel Monteiro lançou este desafio e eu na altura, pronto, disse-lhe que sim. A minha vontade também era trabalhar com o Manuel Monteiro, perceber quais eram as ideias dele, juntar as minhas ideias e avançar com o projeto. O projeto Rádio Metropolitana Porto surge por essa via, em abril de 2017, acabámos agora de festejar o nosso sexto ano e estamos aqui consolidados. Eu tratei da parte burocrática, legalização da rádio, os registos devidos na Entidade Reguladora para a Comunicação Social, as licenças da SPA, tratei dessa burocracia toda antes de iniciarmos o projeto. Depois de termos tudo firmado, avançámos com o projeto. Numa fase inicial o Manuel Monteiro não esteve a 100% na Rádio, também devido às suas limitações físicas e de saúde, mas depois, com a questão da pandemia, antes um bocadinho, mais ou menos em 2019, envolvi-o mais no projeto, quis que ele se envolvesse mais. Criámos um programa, que é transmitido ao sábado à tarde e hoje ele é o Diretor Executivo da Rádio, eu nomeei-o como Diretor Executivo e ele tem tido uma envolvência muito grande, também com a sua experiência, faz com

que o projeto fique ainda maior, o seu conhecimento, as suas ideias. Pronto, estamos consolidados no mercado e, hoje em dia, praticamente toda a gente nos conhece e já sabe qual é o projeto da Rádio Metropolitana Porto.

Qual é a parte mais desafiante em ser o Diretor Geral da Rádio Metropolitana Porto?

São os desafios que me apresentam todos os dias. Todos os dias há novos desafios e tu estiveste cá, sabes que todos os dias nos perguntam se podemos participar num projeto, somos convidados a participar em determinadas iniciativas. Portanto, o maior desafio é encarar todos os dias um novo desafio, passo o pleonismo. Nós nunca sabemos o que esperar. É como te disse, o projeto está consolidado, as pessoas cada vez nos conhecem mais e gostam daquilo que nós fazemos, do grupo que temos. Todos os dias tenho contacto direto com as pessoas, entidades, juntas de freguesia, instituições, etc. Eu ainda ontem, sem saber ler nem escrever, passo a expressão, não tinha o mínimo conhecimento, enviaram-me uma mensagem pelo Messenger com um cartaz já com o nosso logótipo, a informar-nos que vai haver uma tarde de fados numa instituição aqui bem perto e que gostariam de contar com a presença da Rádio para divulgar e promover esse evento. E tu sabes, eu não digo não a nada, a não ser que seja uma coisa que realmente acho que não vale a pena ou então que não faz sentido, portanto disse logo que sim. Isso também é um desafio e esse tipo de eventos solidários mexe sempre um bocadinho connosco e nós nunca dizemos que não.

E a cobertura das notícias é muito local, ou seja, neste caso a Área Metropolitana do Porto.

Sim, nós temos um público-alvo que é a Área Metropolitana do Porto, que vai desde os concelhos de Arouca, Vale de Cambra, São João da Madeira, Oliveira de Azeméis, passando aqui por Gaia, Porto, Valongo, Matosinhos, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Trofa, Santo Tirso... Nós cobrimos mesmo toda a Área Metropolitana do Porto e o nosso público-alvo é precisamente esse. Convém também dizer o seguinte: a Área Metropolitana do Porto é muito rica na parte cultural, mesmo a nível de música tradicional portuguesa, que é aquilo que nós damos muito valor e também a música popular portuguesa. Existem vários grupos, inclusivamente grupos folclóricos, nesta Área e nós cobrimos isso. Temos até um programa dedicado à música tradicional

portuguesa, Raízes da Nossa Terra, que é transmitido pelo Eduardo Coelho aos sábados e aos domingos, e esse público para nós é muito desafiante, porque também aprendemos a cultura deles, que de outra forma desconhecíamos, respondendo também à questão anterior. Através também de eventos que participamos, nomeadamente os festivais de folclore, as desfolhadas, etc, também é desafiante ver que essas culturas são muito diferentes daquelas que aqui na grande cidade encontramos. Por isso, também temos interesse em cobrir essas iniciativas, porque não só damos a conhecer, como também aprendemos. Há aqui uma aprendizagem recíproca.

Como foram as primeiras experiências na Rádio Metropolitana Porto?

Ainda temos algum equipamento desde o início. Eu lembro-me que só tínhamos um computador portátil, uma mesa, que era esta que ainda hoje temos aqui e tínhamos um microfone, que era precisamente aquele também (aponta). E só tínhamos isso, não tínhamos mais nada e tínhamos uma pequena sala. Uma sala num centro comercial, onde nós estivemos, aqui no Porto e as primeiras emissões foram aí. Claro que na primeira emissão que tivemos não tínhamos tantos ouvintes, porque não eramos conhecidos, fomos passando a palavra. Fizemos uma festa, foi uma festa muito bonita, mais intimista, onde convidámos algumas pessoas conhecidas, músicos, artistas, empresários. Lembro-me de termos também um grupo de jovens duma escola que fazia estágio na área do Turismo e que estiveram lá a servir um pequeno Porto de Honra, que servimos aos convidados e basicamente a emissão foi assim. Fomos crescendo e hoje temos uma média de ouvintes de 8 mil em todo o mundo. Para nós é muitíssimo bom. Há muitas rádios FM que não têm este número de ouvintes. Portanto, para nós é muito gratificante isso. Aliás, todas as semanas temos aqui convidados ao sábado e um dos últimos convidados que tivemos foi uma pessoa muito experiente na área da rádio, Alberto Rocha, o Diretor Geral da Rádio Festival, aqui no Porto e ficou, digamos, encantado. Deu-nos os parabéns, tanto a mim como ao Manuel Monteiro, pelo projeto que temos, porque atualmente existem muitas rádios online, mas a verdade é o que ele diz também, há aquelas que fazem um trabalho profissional ou semiprofissional e há outras que ficam pelo caminho, que se entretêm a fazer rádio em casa. Apesar de a lei não ser ainda tão incisiva quanto à questão da funcionalidade das rádios web, eu creio

e partilho da mesma opinião que ele, que quem faz as leis, tem de olhar para isto duma forma muito séria, porque existem muitas rádios online, mas há poucas que cumprem a lei. No sentido de terem o registo na ERC, pagarem direitos de autor, entre outros. Também acredito que é um pouco complicado gerir isto tudo, porque os IPs, que é a parte tecnológica, são muito difíceis de verificar, se fazem aqui, se fazem no estrangeiro, onde fazem. Contudo, o que é certo é que as rádios online deveriam ser completamente legisladas. Voltando aqui à questão do Alberto Rocha, ele deu-nos os parabéns, disse que segue o nosso trabalho, que é um trabalho digno de acompanhamento e nós ficámos totalmente satisfeitos. Quando outros colegas de outras rádios, que já têm 37 anos disto, olham para o nosso projeto e acham que é credível, nós só temos de nos orgulhar e ficar completamente satisfeitos.

Sem ser na Rádio Metropolitana Porto, lembra-se das primeiras experiências na rádio? Não precisa de citar nomes de outras rádios se não quiser, mas as primeiras experiências já foram há muitos anos, correto?

Sim, eu comecei a fazer rádio com 9 anos. Tenho 47, portanto, como diz o Guterres, é só fazer as contas. Já faço rádio há muitos anos. Para mim foi completamente uma novidade. Comecei a fazer um programa infantil na extinta Rádio Clube de Matosinhos pela mão dum grande senhor, que já não está entre nós, Domingos Parker, um senhor do meio artístico, empresário, que era um dos sócios da Rádio Clube de Matosinhos. Nessa altura eu ia para a escola, como qualquer miúdo, mas as minhas férias de Natal, da Páscoa, as férias grandes, eram sempre passadas lá, eu era o caçula lá da rádio. Queria fazer tudo, queria aprender tudo, muito rápido. O programa infantil chamava-se “Para os Pequenininhos”, era ao domingo de manhã. Estava lá durante o dia inteiro e fui aprendendo. Fui observando, via os adultos e os locutores a fazerem as coisas e eu era no fundo o caçula que dava apoio às emissões, “olha vai buscar-me ali o disco do Marco Paulo” e eu lá ia buscar o disco e o locutor passava. Era o assistente de emissão, digamos assim. Era muito giro. Depois passei a fazer o programa dos discos pedidos, que eram gravados, a seguir fiz um programa que era o “Onda Viva”, com música mais jovem, mais apropriada àquela idade. Depois, tive de deixar de fazer rádio durante algum tempo. Mais tarde, viria esta questão do “boom” das rádios online e fui convidado para um projeto de rádio, em Matosinhos. Dinamizei bastante aquele

projeto, porque parecia-me que era muito redutor, muito virado para os amigos da política, para os amigos do desporto... Portanto, quis dar um bocadinho mais de música, convidar as pessoas a conhecerem a rádio, o estúdio, ver o que era aquele projeto. Por divergências na altura com o Diretor daquela rádio, eu saí. Entretanto, fui convidado para outro projeto, que foi onde encontrei o Manuel Monteiro. Tivemos lá cerca de três meses, mas foi um projeto que não singrou. Agora estamos aqui com a Rádio Metropolitana Porto já há 6 anos.

Quais é que eram as maiores diferenças? Porque antes havia, por exemplo, discos e atualmente é quase tudo digital.

É praticamente tudo. Eu recorro-me que nem computador existia. O que existia era um telex, onde recebíamos as notícias e cortávamos o papel, consoante a notícia que queríamos dar. Se fosse de desporto colocávamos num montinho de desporto, se fosse nacional colocávamos no nacional, assim com todas as editorias. Seleccionávamos uma parte das notícias. Era diferente, hoje temos tudo no computador. Embora tenhamos aqui na Rádio, os CD's, quase não os passamos, mas naquela época eram novidade. Os CD's, as cassetes, hoje em dia já ninguém sabe o que é isso. Aqui na Rádio fazemos questão também de ter um gira-discos, porque às vezes gostamos de passar. Antigamente funcionava com dois 'pratos', um dum lado e outro do outro, e quando terminava uma música dum disco, tínhamos de ter a rapidez de colocar noutra gira-discos e assim sucessivamente. Dávamos duas de letra, passo a expressão, no microfone, para entreter o ouvinte, para não ser tão monótono só com música e depois passávamos para outro disco. Era um bocadinho por aí, atualmente não, já temos tudo preparado, há as chamadas playlist's, os ficheiros digitais que as editoras nos enviam para promovermos os artistas ou os próprios artistas nos enviam e nós chegamos ali ao computador e aquilo 'dispara' logo. É muito mais funcional, obviamente. Tem os prós e os contras.

Aqui na Rádio Metropolitana Porto, mais ou menos quantos membros é que tem a equipa?

Nós temos cerca de 39 colaboradores, tirando os estagiários.

Existe algum emigrante?

Locutores emigrantes não, mas temos locutores que estão noutras regiões do país. Lembro-me, por exemplo, do António Silva, que está em Aveiro que nos envia o programa previamente gravado, nós inserimos à hora correta, e aquilo ‘dispara’. Agora todas as rádios, mesmo as rádios FM são assim. Antigamente o locutor estava na rádio sempre. Atualmente não é preciso, tens as playlist’s e durante a noite, as playlist’s ‘caem’. Temos já tudo programado. Neste momento, por exemplo, em que me estás a entrevistar, estamos a transmitir um programa previamente gravado e que todos os dias passa àquela hora. É muito diferente, é mais mecanizado, digamos assim, não é que nós não façamos em direto, fazemos.

Com que frequência e em que programas?

De segunda a sexta-feira, à tarde, temos programa com locutor em estúdio. Ao sábado, como sabes, temos todo o dia com locutores em estúdio. Portanto digamos que é mais de manhã e ao final da tarde ou noite. “Sobremesa Musical”, “SabaRádio”, “Sou Brasil”, “Reflexões”, tudo em direto.

Ou seja, quase todos os dias existem emissões em direto?

Exatamente.

Sendo uma rádio online, que vantagens e desvantagens aponta a este meio?

É assim, o online chega a todo o mundo. O FM não. Se reparares, hoje em dia é praticamente impossível uma rádio FM não ter também o online, todas elas têm de o ter. Isto potencia mais ouvintes e maior divulgação da rádio. Porém, tem uma desvantagem, enorme. Imagina, que, por qualquer motivo, falha a energia, já não há emissão. Ele vai para o servidor automático, a nossa rádio tem essa vantagem, há rádios que não são assim, mas a nossa tem. Nós nunca ficamos sem música, mesmo que o servidor vá abaixo, está sempre em modo automático. O ouvinte quase nunca se apercebe que temos uma falha técnica, a menos que seja anunciada. Essas são as maiores vantagens e desvantagens, poder ser escutada online, no mais ínfimo local do mundo e temos exemplos disso mesmo. Somos escutados em Singapura, Austrália, Ucrânia, Rússia, Estados Unidos, Brasil, Cuba, Argélia, Angola... Em todo o lado podes ser escutado, desde que tenhas internet.

A Rádio Metropolitana Porto utiliza com frequência o Facebook, o site e a aplicação dos podcast's, qual é que acha que é o meio mais privilegiado por esta rádio?

As redes sociais atualmente tornaram-se numa ferramenta imprescindível na promoção e divulgação da Rádio, no nosso caso em particular e creio que no geral também. O que utilizamos mais, de facto, são as redes sociais, como o Facebook e depois temos outro complemento, que é, como disseste e bem, o podcast, também bastante procurado. Quando o artista vem à Rádio, nós gravamos, editamos e publicamos. Assim, dá para voltar a ouvir e resulta também para quem não conseguiu ouvir. Vamos articulando isso e o artista também fica satisfeito, também divulga, não só o seu trabalho, mas também a Rádio. Portanto, há aqui, digamos assim, um interesse em comum. Depois temos o site também, no site temos a particularidade de ter as nossas notícias, de toda a Área Metropolitana do Porto, sejam desportivas, culturais, nacionais, entre outras. Todas as plataformas se complementam.

O Facebook é mais dirigido para publicitar e o site para as notícias?

Exatamente.

Eu estive a analisar o mês de novembro de 2022, que é o mês que vou focar a minha análise do relatório e, contabilizando o total de publicações, no Facebook ocorreram 693, no site 247 e 31 episódios no podcast. Concorda que o Facebook desde sempre é o meio mais priorizado? E onde as pessoas interagem mais, por exemplo?

Eu consulto esses números quase todos os meses e até quase todos os dias, porque temos de estar sempre atentos e a minha função também é essa, estar atento à concorrência e àquilo que o ouvinte ou os nossos seguidores gostam. Esta semana atingimos os 23 mil seguidores no Facebook, o que é notável, para nós é notável e sentimos que esse crescimento foi durante a pandemia e pós pandemia. Isto é assustador, no aspeto positivo da palavra, porque não contava com isto tudo. Todos os dias vou analisando quais são as faixas etárias, mais mulheres ou homens, se é mais no Porto, Matosinhos ou Gaia, vou analisando isso, porque o Facebook também nos permite.

Qual costuma ser a faixa etária e o género mais representados?

São mais mulheres e a faixa etária está entre os 30 e os 50 anos.

E localidades?

Mais Porto, depois Matosinhos e Vila Nova de Gaia. Estamos aqui em três concelhos muito centralizados e o nosso objetivo é ir mais além, por isso é que também procuramos mais parcerias fora do Porto/Vila Nova de Gaia/Matosinhos, para que possamos dinamizar ainda mais o projeto.

Nos últimos tempos tem mais ou menos noção da quantidade de público?

Sim e por acaso tivemos um decréscimo.

Quando há assim esse decréscimo, que tipo de soluções procura?

É necessário utilizar a capacidade imaginativa para arranjar soluções e contrariar esses números. Desde logo, mais publicações, quando há mais publicações, há uma procura maior, há mais visualizações e eu notei que houve um decréscimo de publicações face ao mês anterior. Há bocado estavas a falar em novembro, mas em dezembro já tivemos um crescimento, porque é Natal, há mais pessoas em casa, uma procura maior, mais atividade na nossa Rádio e isso tudo conjugado permite dizer e está constatado que tivemos um crescimento. Neste mês tivemos um menor número, porque tivemos menos atividades, menos publicações e o que tento incutir a todos os que estão com a função de publicar e a mim próprio, é que haja um maior número de publicações. Em lugar de se colocar de hora a hora, colocar, por exemplo, no intervalo das meias horas, uma ou duas publicações para que se possa contrariar esses números.

Sendo o Facebook a rede social onde mais partilham, quais é que acha que são as maiores vantagens deste meio? Porque, por exemplo, fazer um direto no Facebook pode combinar imagem, som e texto.

Isto tem tudo a ver com o público-alvo. Para nós a maior vantagem é promover e divulgar os nossos programas e as nossas atividades, sem dúvida alguma, depois, promover e divulgar também os artistas ou quem vem à Rádio. Existe aqui também uma articulação até de parceria com as editoras, nomeadamente com a Espacial, País Real e Vidisco, que são as três principais editoras em Portugal e nós temos a felicidade de ter parceria com as três. Claro que estamos abertos a todas elas, estamos a falar de três

editoras nacionais, não são multinacionais, não estamos a falar duma Warner Bros ou duma Sony Music. Estamos a falar das três principais editoras nacionais. Para nós é muito bom que eles queiram trabalhar connosco, porque só assim conseguimos promover esses artistas. Agora, respondendo à tua questão, a principal vantagem de utilizar o Facebook é essencialmente divulgar e promover as nossas atividades e os nossos programas.

Mas relativamente ao uso dos diretos do Facebook, acha que são uma vantagem ou desvantagem? Porque, lá está, combinam os três: som, imagem e texto.

É tudo uma vantagem. Tu ao fazeres um direto, num determinado local, sabes que vais criar interesse nas pessoas e essa curiosidade reverte em visualizações e nós também temos interesse nisso. É claro que, quão melhor complementares o vídeo, melhor é. Se tu apareceres no vídeo, com microfone, já estás a dar outro interesse. Agora, se aparecer, por exemplo, um senhor ali ao fundo a cantar e tu estás a filmar, as pessoas pensam “é só mais um” e desligam.

Considera que isto pode alterar o conceito de “rádio” mais tradicional?

Não, de todo. Não, de todo.

Complementam-se?

Complementam-se. Ainda há muitas pessoas que veem a rádio como aquela pessoa que está do outro lado e ficam a imaginar. Se alguém estiver aqui a gravar uma emissão de rádio, existe um interesse, por parte do público, naquela voz que está habituado a ouvir do outro lado, “Como é que é aquela pessoa? É alta/baixa? Gorda/magra? É loira? Tem cabelo comprido/não tem? Como é que é?”. Esse interesse é a essência da rádio. Essa curiosidade é a essência da rádio. Aquela voz que nós estamos habituados a ouvir, “como é que será aquela pessoa que tem esta voz?”.

Porém, com as redes sociais esse lado acaba por desaparecer um bocadinho.

Sim, isso morre com esses diretos do Facebook. Essa é a principal desvantagem a meu ver.

Se fosse possível, gostaria de ter uma rádio FM?

Sim. Para contextualizar um bocadinho, o processo de legalização das rádios FM deu-se em 1989. Como existiam as rádios piratas, na altura o governo entendeu legalizar essas rádios. Houve muitas rádios que ficaram pelo caminho, por variadíssimos motivos, porque não tinham qualidade, porque havia certas regras que não cumpriam ou porque, por exemplo, recorde-me que numa área limite, num concelho, só podia ter um determinado número de rádios. Outras foi porque não tinham poder financeiro para o fazer, porque tornar uma rádio em FM custa muito dinheiro. Já não são atribuídas frequências há muitos anos. Há aquilo que se tornou um negócio de rádios. Foi comprar rádios a preço da chuva, passo a expressão, a preço de saldo e tornar a vendê-las. Há pessoas que têm, não vou aqui citar nomes, mas há pessoas que têm 10, 15, 20 ou 30 rádios e o interesse delas é rentabilizar aquilo ao máximo, como qualquer outro negócio. Até aí nada contra. Eu sou contra é ao facto de se alugar as frequências, isso sim, por um período de 10 anos, e há rádios desse género, que pagam, por exemplo, na ordem dos 2 mil ou 3 mil euros por mês. Portanto, nós em 10 anos quase que compramos a rádio. Por isso isto é um negócio um bocado complexo. Porém, posso já contar isso, há a possibilidade de virmos a ser uma rádio FM, porque existe uma lei que permite que nos candidatemos a esse tipo de frequência e nós vamos utilizar esse argumento para nos ser atribuída uma. Já vieram cá verificar as instalações por causa das antenas e os emissores, onde é que vão ser colocados, etc. Mais do que isto não posso avançar, porque também, como se diz na gíria, o segredo é a alma do negócio. Mas sim, havia esse sonho, que foi inviabilizado logo à partida, por causa desse processo relacionado com a ANACOM, que é quem atribui as frequências. Agora, o que posso dizer também é que vai ser uma rádio local, digamos que num raio de 10 km a rádio vai funcionar em FM, fora desse âmbito continuaremos com o online obviamente, até porque não sabemos se poderá haver um problema técnico, esperamos claro que isso nunca aconteça, mas funcionaremos sempre com o online. Como várias outras rádios, que têm esta dupla vertente, FM e online.

E se pudesse escolher apenas ser uma rádio FM ou ser uma rádio online?

As rádios FM complementam-se com o online, atualmente já não se conseguem dissolver do online, porque o online chega a todo o mundo e as rádios FM não, o espectro FM ou hertziano, que é como chamamos, só funcionam localmente. Ao contrário das

rádios nacionais, que têm emissores em todos os pontos do país, porque têm poder económico para isso, as rádios locais não têm esse poder e portanto, como é que chegam ao outro canto do mundo? Através do online. Por esse motivo, nunca nos vamos dissolver do online, porque a nossa essência é sempre o online. Nascemos online, vamos morrer online. O FM aqui funciona um bocadinho ao contrário, vai-nos complementar.

Muito obrigada.

De nada.

Avaliação do Estágio na Rádio Metropolitana Porto



RÁDIO METROPOLITANA PORTO
www.radiometropolitanaporto.pt

REGISTO ERC : 100130

DECLARAÇÃO

Ângelo Manuel Santos Monteiro, Presidente da Direção da Associação Desportiva e Recreativa do Recife, N.º 505958201, com poderes para o ato, DECLARA para os devidos fins, que o aluno Mariana Isabel Araújo Oliveira, realizou Estágio Voluntário na entidade por si afiliada- Rádio Metropolitana Porto, órgão de comunicação devidamente registado na Entidade Reguladora da Comunicação Social (ERC) sob o n.º 700130, com estudos na cidade do Porto no período compreendido entre 19/09/2022 e 20/12/2022, perfazendo no total 520 horas.

Ao longo do estágio, o aluno compreendeu a importância do jornalismo nas sociedades contemporâneas e sobre o papel do jornalismo num mundo globalizado e democrático:

- Desenvolveu a capacidade de leitura crítica da atualidade e pugnar por uma conduta ética e deontologicamente verdadeira;
- Ampliou competências na comunicação escrita e oral, com absoluto domínio da língua Portuguesa, condições essenciais para que a carreira de jornalista ou seguir outra atividade na área da comunicação;
- Demonstrou conhecer e aplicar as técnicas e gêneros jornalísticos nos diversos media;
- Demonstrou capacidade de hierarquizar informação e contar histórias;
- Soube produzir conteúdos informativos em diversos gêneros e nas várias plataformas, nomeadamente no site da rádio e redes sociais;
- Compreende como o digital veio alterar o paradigma da Comunicação, quer do ponto de vista da produção de conteúdos, quer do consumo de informação, quer na criação de modelo de negócio;
- Dominou as técnicas de comunicação audiovisual, com câmara e microfone à frente;
- Demonstrou entender que na era da imagem, as redes sociais passaram a ter um papel essencial na comunicação, desenvolvendo para isso alguns conteúdos.

Outros conhecimentos práticos demonstrados ao longo do estágio:

- Informática, em especial no processamento de texto e tabelas (ao nível do Microsoft Office);
- Dinamismo, flexibilidade e iniciativa; Capacidade de trabalho em equipa e vontade de aprender coisas novas; Contacto com Instituições, por diferentes canais, como telefone e e-mail; Pesquisas, para elaboração de boletins informativos, circulares para divulgação e promoção de atividades.

A aluno demonstrou ainda:

Assiduidade; Pontualidade; Execução dos objetivos do Estágio; Aplicação e utilidade dos conhecimentos evidenciados; Desenvolvimento de competências práticas; Análise de problemas, espírito de síntese; Autonomia e capacidade para assumir responsabilidades; Organização e gestão de tempo; Integração e relacionamento interpessoal e interesse pela Organização/Instituição colaborando em todas as iniciativas propostas.

A Rádio Metropolitana Porto agradece nomeadamente à aluno a sua disponibilidade, e apoio realizado durante o seu estágio.

Por ser verdade e me ter sido solicitado pela mesma, se emite esta declaração que vai ser assinada e datada.

PORTO, 29 DE DEZEMBRO DE 2022

O Presidente da Direção

Associação Desportiva e Recreativa do Recife
Rua Cidade do Recife, 134- 2ª Porto
4250-262 Porto

Departamento de Cultura
Mail: associacaorecife@gmail.com
NIF: 505958201